

# A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Director-Presidente

ALFREDO C. DE F. ALVIM

Gerente :

YELVA P. DE SÁ FREIRE

Redacção : RUA 7 DE SETEMBRO, 174

Officinas : RUA DO CARMO, 55-A

ASSIGNATURAS :

Para os Estados	}	um anno.....	10\$000
		6 mezes.....	6\$000
Para o Districto Federal	}	um anno....	9\$000
		6 mezes.....	5\$000
União Postal.....			12\$000

## SUMMARY

—	A Fonte dos males	Embaixador Alberto de Faria .....	Visconde de Mauá (Conferencia)
Dr. Alberto Moreira.	Combate ao analfabetismo (Discurso)	Professor Aprigio Gonzaga .....	Finalidade de trabalho manual para mulheres (Conferencia)

## A Fonte dos males

Ecce iterum Crispinus... Custa-nos, certamente, renunciar a outros assumptos que pedem nossa attenção, e vir de novo insistir em tão batida tecla, naquillo que é, na imprensa diaria, uma das materias de defesa, nos casos de falta de assumpto mais palpitante. Para nós, porém, que no campo do ensino procuramos despender todo o esforço, não ha de ser censuravel tornar de quando em quando aos mesmos problemas.

Porque a verdade é que, fonte de todos os males, o analfabetismo da nação brasileira está a entrar-lhe todo o progresso e constitue, cada dia mais, séria ameaça á unidade nacional, á força e ao prestigio de nosso nome no concerto das nações. Que vale nas assembléas de estadistas, a voz de um povo que não sabe ler, ainda mesmo que o seu portador, o embaixador do paiz, seja um vulto notavel, um grande estadista? Os paizes não se avaliam, não são respeitados consoante o valor excepcional de uma duzia de homens de mentalidade superior, tidos, no estrangeiro, como aberrantes da media.

Precisamos de propugnar sempre pela educação e illustração da massa popular: sobre isto ha de assentar a força do Brasil, e dahi a razão por que nestas columnas estaremos sempre promptos a applaudir e encorajar todas as iniciativas nesse sentido, como queremos fazer hoje em relação á Liga da Defesa Nacional, a prestimosa associação civica, que ora se empenha no estudo acurado da questão do illiteratismo.

Ponha a eminente corporação ao serviço desta grande causa o prestigio de seu nome e das intelligencias de escol que captou em seu seio e estamos certos de que havemos de entrar muito breve na phase, ansiosamente esperada, das realizações praticas inadiaveis.

Queremos, porém, ponderar que não nos parece acertada a doutrina recentemente defendida, que entende recommendavel a redução do campo do ensino primario e do periodo do mesmo, segundo o que se pretendeu fazer, com resultados não satisfactorios, em uma das unidades da Federação. Entre o periodo demasiado escasso que se pretendeu instituir e o periodo exageradamente longo que de tantos competentes tem recebido condemnação, haverá logar para um meio termo, já devidamente experimentado no Districto Federal.

Reduzir o campo do ensino e encurtar exageradamente o periodo escolar são coisas que se nos affiguram retrogradação, e a admittil-as, antes permaneçam as instituições escolares como se acham, pois a ninguem é licito permanecer no velho presupposto de que a escola primaria compete apenas ensinar a ler, escrever e contar. Batida já em todo o mundo a theoria ingleza dos tres R, não havemos de a ella adherir, depois de tantos annos em que da escola primaria temos procurado fazer o meio não só de uma instrucção regularmente elevada, mas tambem da educação do povo, de sua formação moral e civica.

Queremos crêr, porém, não se tenha ainda fixado na Liga uma directriz na orientação da campanha tão patrioticamente emprehendida e que a qualquer deliberação precederá largo debate, a que tragam sua contribuição todos os entendidos e todos os de boa vontade.

Feita esta restricção, que o dever nos intimava, devemos consignar mais uma vez nossa satisfação de ver a cruzada da alphabetização sob a égide da prestigiosa associação.

Bem hajam os que tomarem sobre os hombros a tarefa, ardua mas gloriosa, de ensinar o povo a pensar!

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção, rua 7 de Setembro, 174

## Combate ao analfabetismo

A Liga de Defesa Nacional, benemerita instituição, presidida pelo illustre e infatigável Ministro Edmundo Muniz Barreto, vivamente empenhada em fazer desaparecer do nosso Paiz a macula do analfabetismo, promoveu, ha dias, uma reunião de technicos em questões de ensino, afim de estudar e organizar um plano de educação nacional.

Abaixo publicamos o excellento discurso que então pronunciou em nome da Liga o illustre Dr. Alberto Moreira:

"Meus senhores: A Liga da Defesa Nacional convidando-vos a vir colaborar com ella, na organização de um programma capaz de solucionar o magno problema da diffusão do ensino primario no Brasil, não pretende extinguir o analfabetismo de um golpe.

Ella conhece perfeitamente as difficuldades do problema e é por conhecê-las que me encarregou de aqui expôr a situação real que se nos depara, esperando que que de vós partam as idéas, que hão de fazer surgir um plano efficiente, para que o Brasil deixe de ser o que é e seja o que deve ser.

Segundo os dados estatísticos fornecidos pelo recenseamento de 1920, o ultimo e o melhor realizado no Brasil, a população de analfabetos em idade escolar, attinge ao elevadissimo numero de ..... 5.282.866 crianças de 7 a 14 annos, sendo do sexo feminino 2.612.318 e do masculino 2.670.588, isto é, numa população em idade escolar de 6.582.017 crianças apenas sabem lêr 1.299.131.

Estes numeros são desoladores.

Em todo o Brasil existem apenas, segundo os dados officiaes remittidos á Conferencia Internacional do Ensino Primario, 17.294 escolas, divididas em escolas isoladas, escolas reunidas, grupos escolares, escolas modelos, complementares, municipais e particulares. Essas escolas têm uma matricula de 1.880.752 alumnos com uma frequencia média de 678.684.

As despesas com o ensino primario segundo os dados officiaes a que nos referimos, não ultrapassam de 59.570 contos para uma arrecadação de 446.637 contos, ou seja 13 % sobre a renda geral dos Estados e Districto-Federal.

Essa proporção baixa em alguns Estados, como em Pernambuco, a 3 % sobre a arrecadação, para elevar-se a 20 % em Santa Catharina o Estado que honradamente bate o "record".

A percentagem da população infantil sem escolas, e notem que estes dados estatísticos foram fornecidos pelos proprios Estados, attinge a 95 % nos Estados do Piahy e Goyaz, para baixar num "record" inverso a 41 % no Districto Federal. Seguem as pégadas da nossa Capital a minuscua Santa Catharina, o Rio Grande do

Sul com 43 e 44 %, respectivamente, influencia por certo das suas colonizações para ascender em S. Paulo, o Estado "leader", a 56 %, e o seu companheiro em prestigio Minas Geraes, com 64 %.

Como vêdes, o problema é alarmante e preciso que cuidemos delle com interesse e carinho, dentro das nossas possibilidades economicas e das nossas finalidades sociaes.

Gastamos actualmte, como já dissemos acima, no Districto Federal e Estados, no Districto Federal com a tabella Lyra as despesas cresceram de cerca de 30 %, sem que o ensino tivesse maior efficiencia, 59.570 contos, o que corresponde a uma média de 55\$000 por alumno. Precisaríamos, portanto, para attender a nossa população escolar sem escolas, mantida essa média, mais 290.559 contos.

A arrecadação correspondente a estes dados estatísticos era no Districto Federal e nos Estados, de 446.637 contos e as despesas a realizar para dar escolas a toda a nossa população em idade escolar recenseada, de 290.619 contos, ou mais de 50 % da arrecadação geral.

Basta o estudo destes numeros para verificar que o problema não pôde ser resolvido exclusivamente com o concurso dos Estados. A União tem de ter a seu cargo uma parte das despesas e constitucionalmente é ella a isso obrigada, como se deduz de uma combinação do art. 71, n. 2 do § 1º com o n. 35 do art. 35 da mesma Constituição.

Na Republica todos os poderes emanam do suffragio e se para ser eleitor a Constituição exige que o individuo maior de 21 annos saiba lêr, decorre dahi para a União a obrigação de decretar leis e resoluções necessarias ao exercicio desse poder e não vejo nenhum outro meio de preparar cidadãos para o exercicio desse poder maximo na Republica do que abrindo escolas, disseminando a instrucção primaria por toda a parte.

Mas, retomando o assumpto, dos numeros que vimos analysando, resulta o seguinte dilemma ou continuamos a ensinar apenas 30 % da população escolar recenseada, deixando que os restantes 70 % continuem a engrossar o numero de analfabetos existentes no paiz ou teremos de lançar mão de medidas extremas para, reduzindo os programmas actuaes, estender o ensino a todos os outros.

Quando no Brasil, se procurou dar combate á escravidão, os estadistas do Imperio procuram por uma serie intelligente de medidas, restringir o mal, antes de chegar a aurora de 13 de Maio.

Prihibiram o trafego dos escravos, libertaram os nascitaros, deram liberdade

aos sexagenarios e extinguiram por fim a escravidão.

Cos esta outra praga que entorpece o nosso progresso, façamos o mesmo. Façamos como naquelle tempo, a propaganda intensiva por todos os meios. Na Imprensa, na Tribuna, no Parlamento, nas sociedades litterarias por toda a parte um homem que sabe lêr deve constituir-se na obrigação de eliminar dos nossos quadros estatísticos am analfabeto.

Não se pensa em extinguir, como já disse, o analfabetismo de um golpe, mas podemos cogitar de medidas que dentro das nossas forças economicas nos permittam realizar mais, muito mais do que realizamos, com as mesmas verbas actualmente gastas ou majoradas, sem o sacrificio dos outros deveres do Estado...

Foi com esse objectivo que a Liga vos convidou a colaborar com elle na solução deste problema.

Como base para os estudos que vamos emprehender, suggerimos os seguintes alvitres:

1º) limitar o ensino primario gratuito em todo o Brasil ao ensino elementar de tres annos, onde as crianças possam aprender a lêr, escrever, contar, desenhar e trabalhar;

2º) entregar á iniciativa privada o ensino médio e complementar, hoje ministrados nas escolas primarias, podendo os estatutos manter escolas desse genero, cobrando razoavel taxa de matricula;

3º) instituir a bolsa de auxilio para as crianças pobres que se distingam nas escolas primarias gratuitas;

4º) augmentar o numero de patronatos agricolas, escolas profissionaes, escolas de aprendizes marinheiros e escolas de artifices militares, onde possam ser internados os abandonados ou os filhos que não possam prover a manutenção dos seus;

5º) estabelecer internatos de instrucção primaria, elementar e profissional, onde possam ser recolhidas as crianças pobres que habitem zonas, onde a população seja muito disseminada.

Para superintender este programma de educação nacional, deve ser creado um departamento tecnico central na Capital da Republica, com delegações em todos os Estados.

As despesas com o ensino primario devem ser divididas pela seguinte fórma:

A) União cabe o custeio do departamento central, suas delegações nos Estados, o ensino normal, os patronatos agricolas, escolas de artifices, escolas de aprendizes marinheiros e escolas de artifices militares.

Aos Estados as despesas com o professorando, material didatico e os internatos de que trata o numero 5.

Aos municipios cabe fornecer a casa para a escola, localizar a mesma onde possa ter maior frequencia e fornecer o respectivo mobiliario.

A fiscalização do ensino se dividirá pelos tres poderes, de maneira a cada um fiscalizar as attribuições dos outros.

Eis em linhas geraes o plano que submettemos ao vosso estudo, sem termos a pretensão de impôr idéas, mas apenas suggerir medidas que vós technicos podereis melhorar, attender com os esclarecidas luzes do vosso saber.

Reproduzindo o ensino primario gratuito ao ensino elementar de tres annos, com um programma simples, nós procuramos attender ás classes pobres por excellencia, ao operariado em geral e não ás classes burguezas que podem enviar os seus filhos ás escolas particulares ou ás escolas pagas do Estado.

Mas nem assim privamos o pobre que realmente se distinga nessas escolas do acesso ás escolas superiores, instituindo a bolsa do auxilio.

Entregando á iniciativa privada o ensino médio e complementar, favorecemos a criação de escolas por toda a parte, concorrendo por essa fórma para uma maior disseminação do ensino.

Augmentando o numero dos patronatos, escolas de artifices, escolas de marinheiros e artifices militares que hoje não existem, mas que em tempo constituiram optimos contingentes para formar o operariado dos nossos arsenaes, proruas os abandonados, os desprotegidos, curamos afastar do deleterio ambiente das essa numerosa classe de pequenos criminosos que vão futuramente povoar as cadeias.

Para attender ás populações disseminadas, onde se não poder estabelecer escolas, nem enviar o professor itinerante, lembramos a criação desses internatos, unico meio de instituir esses nossos patricios, localizados nas regiões agnotas do paiz.

Distribuindo as despesas a fazer pela União, Estados e municipios, tivemos em vista, além do problema economico, um problema social.

Dando a União o ensino normal nós concorreremos para que se estreite os elos da Federação, dando uma uniformidade ao ensino que ele hoje não tem, facultando á União preparar por esse meio um centro orientador para todos os nossos problemas sociaes.

Committendo ao municipio o fornecimento da casa e respectivo mobiliario escolar, tiramos dos hombros dos Estados uma despesa que vae accrescer no augmento do professorado pago pelo Estado. Poderemos desenvolver a iniciativa privada, permittindo a dar a cada escola o nome do individuo que queira doar o predio e o seu respectivo mobiliario, que se queira salientar no sea municipio por uma obra de benemerencia, estimulando assim a emolção entr os municipios para o beneficio collectivo.

O Brasil tem 1.366 municipios, pouco mais de uma duzia de escolas por municipio, é a divisão da responsabilidade

e da despeza e o estímulo que se vae desenvolver na cellula, de profundos e promissores resultados.

Perdão, senhores, eu estou me exce-

dendo, o enthusiasmo levou-me mais longe do que devia, o me ufim era pôr o problema em equação, a vós é que compete resolvel-o.

## "A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL"

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Séde social:— Avenida Rio Branco 125 — Rio de Janeiro

(Edificio de sua propriedade)

RELAÇÃO DAS APOLICES SORTEADAS EM DINHEIRO, EM VIDA DO SEGURADO

77º. SORTEIO—15 DE OUTUBRO DE 1925

99.436	José de Moraes Correia.....	Parnahyba — Piahy.
139.371	Guilherme Mario Keller Asseburg.....	Curityba — Paraná.
112.203	Arthur Leão e Silva.....	São Luiz — Maranhão.
139.403	Luiz Horacio Pereira.....	Maracanahy — Ceará.
145.182	Carlos Oertle.....	Parahyba — Parahyba.
52.797	Dr. Alvaro da Silva Rego.....	Belém — Pará.
85.609	Pedro Alves de Moraes.....	Cruzeirs do Sul — Acre.
99.201	D. Guilhermina Rodrigues da Cunha.....	São Cabriel — Rio Grande do Sul.
105.387	Pedro Marinho Falcão Filho.....	Maceió — Alagoas.
151.541	Armando de Araujo Mello.....	Idem — Idem.
149.602	Dr. Luciano Dimas dos Reis.....	Jequié — Bahia.
16.436	Estevão Soares e esposa.....	Copim Grosso — Idem.
152.494	Geraldo Odilon Loureiro.....	Santa Thereza — Espirito Santo.
151.836	Ricardo Bucker.....	São Francisco — Itaguassú, idem.
121.224	D. Altina Soares Pereira da Graça.....	Dores do Pirahy — Estado do Rio.
51.032	Antonio Picanço de Abreu.....	São Fidelis — idem.
124.386	Tertuliano Antonio da Fonseca Lessa...	Valença — idem.
147.467	Sabino Machado.....	Coronel Cardoso — idem.
147.831	Joaquim Manoel Correia de Oliveira.....	Pau d'Aiho — Pernambuco.
147.820	Sigismundo de Medeiros Rocha.....	Recife — idem.
152.545	Felippe Nunes de Barros.....	Petrolina — idem.
102.042	Pedro Demetrio Pereira de Mello.....	Recife — idem.
99.805	Mario Honorio Martins e Francisco Canuto Annuniação.....	Idem — idem.
132.235	Christovão Pimentel Duarte.....	Cidade do Pará — Minas.
98.168	Dr. José de Paiva Oliveira.....	Poços de Caldas — idem.
131.667	Arthur Campos.....	Santa Barbara — idem.
146.547	Firno Teixeira de Abreu.....	Bello Horizonte — Idem.
149.364	Dr. Aristides Cunha.....	Monte Santo — Idem.
53.888	Saturnino Rodrigues da Cunha.....	Pires do Rio — idem.
147.064	Juvenal Nunes Pinto.....	Bello Horizonte — idem.
108.787	Randolpho Rodrigues da Trindade.....	Ouro Preto — idem.
143.511	Raul Silva.....	Tomboz — idem.
130.993	Nemen Dahrouge.....	Juiz de Fôra — idem.
151.769	José Ubaldo Pereira.....	Ponte Nova — Idem.
112.429	Dr. Raul Machado Bittencourt.....	Capital Federal.
104.124	Emilio Bello de Mello e Cnha.....	Idem.
134.171	Cyro Vieira Machado.....	Idem.
134.423	Alvaro Alberto da Motta e Silva.....	Idem.
124.625	Alberto Pereira de Carvalho.....	Idem.
139.925	Henrique de Souza Garcia.....	Idem.
141.392	Sebastião Antonio da Costa.....	Idem.
151.782	Marcellino Simões Vieira.....	Idem.
97.727	Arthur Ferreira da Costa.....	Idem.
103.562	Dr. Egas Ribeiro de Mendonça.....	Idem.
94.429	Manoel Joaquim Cardoso.....	Idem.
122.579	João Simões.....	Idem.
95.852	Avelino da Costa Oliveira.....	Idem.
141.329	Alvaro da Costa Petiz.....	Idem.
146.257	José de Sul Ferreira.....	Idem.
146.875	Antonio Vilzi.....	São Paulo — São Paulo.
153.270	Francisco Sanchez Garçon.....	Catanduvas — idem.
119.636	Dr. José Ferreira Santos.....	São Paulo — São Paulo.
127.345	Alberto Masson Jacques.....	Santos — idem.
142.894	D. Maria da Conceição Almeida.....	Itararé — idem.
53.063	José Augusto Ramos.....	Bebedouro — Idem.
149.906	Charles Massad David.....	São Paulo — São Paulo.
117.905	Luiz Leopoldo Laurière.....	Santos — idem.
117.013	Affonso Augusto Corrêa.....	São Paulo — idem.
145.068	Elias Dib Schwery.....	Idem — idem.
117.994	Heitor Bélache.....	Santos — idem.
148.330	José Crispim.....	São Paulo — idem.
147.340	Carlos de Paiva.....	Idem — idem.
130.450	Joaquim Montenegro.....	Santos — Idem.
141.016	Raul Martins Ferreira.....	São Paulo — idem.

## O visconde de Mauá

Conferencia feita na Associação dos Funcionarios do Ensino Profissional em 22 do corrente, pelo Sr. Embaixador Alberto de Faria

O honroso convite da Directoria da A. dos Funcionarios do Ensino Profissional para fallar nesta solemnidade, estava acompanhado de uma ordem do illustre Presidente da Liga da Defesa Nacional; e, nesta casa, o dever de obediencia impõe-se aos inferiores pela voz do mando, tanto como pela autoridade e pelo exemplo do chefe infatigavel.

Confessar-vos-hei que nada me podia ser mais agradavel do que esta incumbencia, de vos fallar hoje do Visconde de Mauá.

Circumstancias occasionaes, levaram-me a fixar a attenção nesse grande vulto da nossa historia; a pouco e pouco, com a ventura de ir descobrindo as bellas linhas de sua vida extraordinaria, se foi radican-do em meu espirito o dever de recolher todo o material disperso que encontrei, e que corria o risco de perder-se, como muita cousa que está perdida.

Hoje, que o meu trabalho de archeologo e de colleccionador, está adiantado, que já posso catalogar documentos das nossas secretarias e relacionar cartas e escriptos que andam zelosamente guardados em mãos carinhosas, papeis que os archivos publicos e particulares escondem, informações preciosas que colhi em paizes estrangeiros, nos livros publicados e nos relatorios officiaes, particularmente nesse vizinho Estado Oriental, que foi uma conquista economica de sua capacidade ommercial e uma conquista politica do seu caracter cavalheiresco, na definitiva approximação que vem de 1850, hoje, o meu empenho é divulgar, é propagar. Talvez o receio de que o accidente fatal, que em minha idade já é de trazer em conta proxima, ande mesmo apressando a divulgação das notas de um livro, que pretendo confiar á mocidade, para que ella tome a si reparar o crime da geração anterior á nossa de ter deixado cahir esse athleta colossal, retardando de muitos annos o progresso do Brasil e remordendo a consciencia nacional de um grande crime.

O que fizemos, os desta geração, foi muito pouco. Graças ao esforço do Presidente do Club de Engenharia Frontin, e do Ministro da Viação Lauro Muller, ha uma estatua modesta em uma praça, á entrada da Capital, que os que vêm dos mares do Sul, acham pequena para um homem que conhece maior em sua terra, e os que vêm da Europa, se espantam, quando, depois, o conhecem, que não o admiramos bastante, e reclamam, como esse illustre Professor Germain Martin, o direito de inscrevel-o entre os grandes typos da Humanidade.

Fôra essa homenagem, só ha o nome de Mauá, escripto em uma outra placa com-

memorativa e na fronteira de uma bella escola, a escola profissional visconde de Mauá por feliz determinação do Prefeito Azevedo Sodré e do Director de Instrução Arnaldo Peixoto. Arthur Azevedo, quando se lançou a pedra fundamental dessa Estatua, disse, num de seus bellos fometins: — "Nao e uma estatua que lhe deviamos; eram mais vinte estatuas, uma em cada Estado do Brasil. Não creio que neste paiz hoovesse em tempo algum maior victima da injustiça, da ingratição, da maldade estúpida dos homens. Esse grande brasileiro que, ainda moço, podendo viver na ociosidade, gozando as delicias da vida europea, sacrificou a sua riqueza e o seu bem estar em beneficio exclusivo da patria, essa criatura bondosa e digna que pôde ser considerada no Brasil o anjo da civilização, cahio e quando cahio não teve quem lhe desse a mão para ajudal-o a erguer-se".

Até hoje nada mais fizemos, entretanto. A voz dos folhetinistas não subio aos grupos dos homens de dinheiro que subscrevem para o bronze das estatuas, nem aos conselhos da politica onde se votam as benemerencias da patria. Em Santos, no grande porto a que elle deu, com o seu credito, com o seu dinheiro, com o seu trabalho herculeo, o tronco de uma estrada de ferro que garante o privilegio do mais rico pedaço de terra do Brasil, ha uma pequena praça, que só agora começa a ser bem edificada, pela carestia dos terrenos em volta. Em São Paulo, a esmola de rua rua pobre.

Impuz-me ao dever de prestar ao meu paiz o serviço de ajudal-o a pagar a grande divida!

Agradeço a Directoria da Associação dos Funcionarios do Ensino Profissional ter-se lembrado de mim para fallar hoje aos seus consocios, aos jovens alumnos de suas escolas e a este illustre auditorio, adiantando-lhes umas notas do meu livro.

A vida de trabalho começou para Mauá aos 11 annos. edireis pelas perspectivas de hoje o que era naquelle tempo immigrar dos limites extremos do Brasil, dessa fronteira sul de Jaguarão, onde não se sabe bem em que sinuosidade do terreno acaba a casa da familia brasileira e começa a do vizinho oriental, a lição de energia que recebia um menino que se separava aos 9 annos do carinho de uma Mãe viuva e vinha para um collegio de São Paulo aprender a lêr, e que aos 11 annos começava a ganhar seu sustento atraz de um balcão de commercio Capital. O Brasil deixara de ser colonia tres annos antes; a Côte era um agrupamento de aldeias, separadas por

pantanos, e pouco mais tinha de 80.000 habitantes.

Ser empregado do commercio, ou, como a linguagem da época exige dizer — ser caixeiro — era a carreira dos desherdados da fortuna. O armazem de fazendas era um internato onde se acordava com o sol e se trabalhava de pé até a hora em que o sino annunciava o descanso nocturno no socavão de um sotão ou em cima do balcão.

Havia nessa vida de todo o anno cartos parenthesis — aos domingos, o caixeiro que não estava de plantão, podia sahir ás claras e ir, se tinha categoria, iantar a casa do patrão para os lados de Catumbé e Matta Porcos; e, uma ou outra noite, roubando horas ao somno, ir até os Caes dos Mineiros vêr o mar. Nas de sabbado, alargava os passos em mais ousadas digressões para tomar o caminho dos Barbons, até o chafariz das Marrecas descendo ao Boqueirão do Passeio, rua das Bellas Noites abaixo — a actual rua das Marrecas — a vêr, pelo lado de fóra, a obra d'arte do saudoso portão do Mestre Valentim; e isso nas noites de luar, porque a luz dos candieiros de azeite não ia além da zona central e só podiam andar mais longe, noites escuras, os que tinham escravos para carregar archotes.

Foi por esse tempo que Irineu Evangelista de Souza se empregou numa casa portugueza, da qual se passou cinco annos depois para a de um subdito da S. M. Britannica.

O inglez, intelligente e bom, advinhando o grande valor de Irineu, ensinou-lhe contabilidade e iniciou-o no estudo da lingua patria.

Ricardo Carruthers, esse inglez, podia voltar seis annos depois para sua terra, vencido pela saudade do fog, deixando o grosso de seus haveres e o credito de sua casa confiados a um rapaz brasileiro que ainda não contava 23 annos. Avolumou-se logo o seu patrimonio; subiu o seu nome: espalhou-se o seu commercio. Em pouco tempo no Rio G. do Sul em S. Paulo, em Recife, no Pará, no Rio da Prata, em Londres, em Manchester, em Nova York, a firma Carruthers abria mais largos caminhos pela mão do seu joven gerente: a casa de importação e exportação do Rio de Janeiro alargara concomitantemente suas operações. Em 1845 estavam todos ricos. Carruthers, seus novos socios de Manchester e de Nova York; e Irineu, com 33 annos de idade, era tambem um homem muito rico.

— “Na primavera da vida, dirá elle mais tarde, havia eu já adquirido por meio de infatigavel e honesto labor uma fortuna que me assegurava a mais completa independência”, volvendo então o espirito, numa prece de gratidão, para o velho patrão “um dos melhores typos da humanidade, um negociante inglez que se distinguia pela inteira probidade da velha escola de moralidade positiva”.

O segredo desse momento ninguem conhece. Porque razão se liquidou uma casa tão próspera, porque se dissolveu uma so-

cidade commercial de onde, em tão pouco tempo, sahio a abastança de tanta gente?

Ha que aceitar a explicação do sobrenatural — a palpação da gloria. Irineu vio-se predestinado a uma missão patriótica, soube que ia ser — “um desses collaboradores da fortuna que parecem ter a confiança do que quer num momento dado o genio da civilização”.

Uma viagem á Europa, em 1840, teve poderosa influencia na decisão que illuminou esse grande espirito e clareou a rota do progresso material do Brasil. A viagem deu-lhe a ambição das cousas a fazer. O que elle vio na Inglaterra não foi o que os outros viam; vio a grandeza do Brasil; sentio então o que elle chamou “meus outros destinos.”

“Travou-se nesse momento em meu espirito uma luta, entre o egoismo, que em maior ou menor dose habita o coração humano, e as idéas generosas que em grão elevado me arrastavam a outros destinos” escreverá elle mesmo nesse momento tragico de sua vida de septuagenário, em que prestava contas aos seus credores... “mas a idéa de fazer, de vir a possuir uma grande fortuna, nunca me preocupou, foi questão secundaria em meu espirito, posso dizel-o affoitamente com a mão na consciencia e os olhos em Deus, nesta hora mais amarga, de minha existencia em que tenho o direito de ser acreditado, quando se acham destruidas pela metralha assoladora do infortunio todas as aspirações quando a realidade interpõe sua autoridade, afastando da mente todas as illusões”.

Daquella viagem, os olhos geniaes de Irineu vieram com visão exacta de todos os nossos problemas, a sua cabeça portentosa trazia a solução de todos elles, o coração de brasileiro pulsava na ancia de executal-os.

Tres annos depois, a industria do ferro e da construcção naval recebia o seu baptismo nas praias de Nitherohy. Na sua viagem de recreio, Irineu tomara um desvio do caminho de Londres e foi a Bristol, vêr uma grande fundição de ferro e machinismos.

Nesse dia ficou lançada no seu cerebro a pedra fundamental do estabelecimento da Ponta da Area, porque — “a industria que manipula o ferro, sendo a mão das outras, era o alicerce dessa aspiração de ver fundada a industria propriamente dita no meu paiz, *dessas que podem medrar sem grandes auxilios*” — A Ponta da Area passou a ser a columna maxima da nossa grandeza industrial.

Em 1850, o Relatorio do Ministro do Imperio consignava: — “Resta a fallar da fabrica de fundição de ferro da Ponta da Area. E' sem contestação o mais importante estabelecimento fabril do Imperio... tem produzido importantissimos machinismos, diversas caldeiras para machinas de vapor, engenhos de assucar e de serrar, guindastes, molinetes e muitas outras obras, entre as quaes os tubos de ferro para o encanamento das aguas do Mara-

canã, — meios e recursos que até agora, — iam mendigar á Europa.

Nos onze annos seguintes, 72 navios, grande parte a vapor, sahiam de seus estaleiros para fazer a navegação de nossos mares e de nossos rios e alguns para fazerem depois a guerra do Paraguay, transportando tropas e forçando baterias. O Ministro da Marinha Pinto Lima a quem coube a tarefa pesada, que tão bem desempenhou, de organizar as nossas primeiras resistencias militares aproveitou vapores sahidos dos estaleiros da Ponta da Area e o seu successor na pasta Affonso Celso, na “Marinha de Outrora”, proclama a parte que deve á collaboração de Irineu — no concurso dessa officina particular secundando com louvavel empenho os intuitos do Governo.”

Na industria nacional bastaria essa obra para dar-lhe o primeiro lugar; mas, atraz dessa fabrica, quantas outras!

A Luz Stearica que tem feito tantas fortunas e que tem poupado ao Brasil tanta exportação de ouro, é creação sua igualmente. Para que se aproveitasse do gado abatido no Brasil o que até então se perdia, elle fundou tambem a industria do sebo, fabricando sabão e velas e a industria do cortame, para melhorar o preparo dos couros.

As fabricas de assucar receberam tambem largo beneficio desse dinheiro abençoado. Duas grandes fazendas de canna foram dotadas, ha 60 annos passados, de toda a classe de instrumentos aperfeiçoados inclusive possantes arados a vapor, porque — “reconhecendo o atrazo em que se achava a industria assucareira, mandei vir da ilha Mauricia um dos homens que conhece o fabrico scientifico e praticamente, quanto se pôde desejar, o Sr. Patureau. —” Foi Patureau quem, em 1875, montou o Engenho Central de Porto Feliz, em S. Paulo” e ensinou e ajudou a montar muitos outros no Brasil.

As industrias do algodão, dos oleos, o carvão de S. Jeronymo, o ferro das jazidas proximas, as empresas de mais pratica exploração e as de experiencia promette-dora, iam buscar dinheiro e protecção nos seus cofres e auxilios technicos nos homens competentes que á sua custa vinham do estrangeiro.

Logo depois, veio o Gaz da Capital. Já o Rio de Janeiro não era o de 20 annos antes, quando Irineu chegara; tinha progredido, mas ainda era, como o descreve Rocha Pombo — “um composto de varias agglomerações de gente, formando bairros distanciados, as ruas irregulares e muito estreitas, cheias de pó ou de lama, conforme o tempo: não havia limpeza publica diaria e apenas em certos dias da semana algumas carroças removiam para o monturo proximo o lixo mais basto e e mesmo se fazia quanto á limpeza particular: ir á cidade não era para todos... nem toda a gente podia visital-a com frequencia e grande numero de moradores dos bairros afastados viviam sem saber o que era a “Côrte” que acabava no Campo de Sant'Anna; os empregados publicos an-

davam a cavallo por causa dos atoleiros; á noite só no centro, da rua Direita até o Campo, se podia andar, porque, ahi, nesse ponto mais movimentado, um Decreto de 8 de Outubro lançou de um golpe, mais 100 lampeões de azeite sobre os 300 que o Conde de Rezende espalhara, custeando-os com impostos especiaes lançados em varias capitancias.

Alguns agentes inglezes, á cata de bons negocios, tinham vindo planejar a illuminação a gaz que conheciam em sua terra, mas, não se lhes deram ouvidos; uma intornação burocratica cortou mesmo a questão — o pretendente era um impostor; não podia haver luz sem pavio.

O povo considerou satisfeitas suas aspirações e exultou quando um decreto de 1840, lhe deu mais 100 focos de azeite de peixe e passou o serviço de illuminação para o Ministerio da Justiça, onde Euzebio de Queiroz a pouco tempo depois fazer o seu grande nome na repressão do contrabando de Africanos e no inicio dos nossos melhoramentos materiaes. Mauá foi o homem de sua confiança: demos graças aos céos. Um inglez, que afinal obtivera privilegio, não tinha dinheiro seu, nem o tinha achado em sua terra. Diante de novo requerimento de firma ingleza, Euzebio de Queiroz, cansado de adiamentos, pediu a Irinea que estudasse o assumpto, fizesse qualquer vantagem, que a preferencia lhe estaria assegurada. Os estudos de um tecnico convenceram-n'o que o preço da proposta era magnifico — 31 réis por pé cubico: 30 réis seria ainda uma mina; por 27 réis um bom negocio; Irineu pediu esse minimo. A differença entre os dous preços, segundo calculo official, deixou no bolso dos consumidores de gaz da Côrte até 1878, 12.000 contos; hoje, por um calculo apenas susceptivel de crescer, serão 150.000 contos.

Não hoave quem subscrevesse um só quinhão da empreza do Gaz. A' sua custa fez Irineu tudo, o aterro para a fabrica e edificios taes como existem, os encanamentos, a installação dos combustores, tudo, e no dia 25 de Março, dizia o “Jornal do Commercio”, numa parte da cidade era dia, noutra era noite, tal foi o deslambramento desses primeiros bicos de gaz entre a rua do Ouvidor e Pescadores, Largo do Paço até o Campo!

Onze, entre os quatorze engenheiros e machinistas vindos da Inglaterra, tinham em quatro mezes o tributo á terrivel epidemia da febre amarella, nos charcos por onde hoje corre o Canal do Mangue, que tambem foi empreitada de Irineu; mas, no prazo fixado de 3 annos, a obra estava inaugurada.

Appareceu logo dinheiro para estender a rêde de canalização e tambem para illuminar a gaz pequenas cidades do interior que ainda não conheciam luz nenhuma; e alguns annos depois Mauá vendia suas acções com o lucro de £ 250.000.

Ao mesmo tempo que perfurava o sólo da Côrte para enterrar os cannos fabricados na Ponta da Area espalhando luz, trabalhava com um terço de capital seu e

dous terços de seus amigos para assentarem os primeiros trilhos no Brasil.

Quarenta dias depois da fazer pela primeira vez a luz do gaz deste lado, atravessava a bahia da Guanabara em barca festivamente embandeirada, com o imperador e a Imperatriz, para inaugurar em Mauá a linha ferrea com que pretendeu escalar a bacia do S. Francisco:

"Seja-me permittido, Imperial Senhor, exprimir nesta occasião solemne, um dos votos do meu coração; esta estrada de ferro é o primeiro passo na realização de um pensamento grandioso. Se puder contar com a protecção de V. M. não parará senão quando tiver assentada a mais espacosa de suas estações na margem esquerda do Rio das Velhas... e a visão desse futuro, para hoje caminhamos, lhe acóde:

"Alli se agglomerará, para ser transportada ao grande mercado da côrte, a enorme massa de producção com que devem concorrer para a riqueza publica, os terrenos banhados por essa immensa arteria fluvial, o S. Francisco e seus innumerados tributarios. E' então, Senhor, que a magestosa bahia cujas aguas beijam com respeito as praias da Capital do Imperio, verá surgir em seu vasto e abrigado ancoradouro, navios sem conta. E' então, Senhor, que o Rio de Janeiro será um centro de commercio, de industria, de riqueza, de civilisação e força que nada tenha que invejar os das mais adiantadas nações do mundo.

Uma protecção efficaz aos primeiros passos deste meio de locomoção admiravel, fará com que seja uma realidade, e por ventura em época não muito remota, esta visão que me preoccupa".

Logo depois dessa primeira estrada de ferro, vieram as outras.

Até o declinio financeiro de Mauá, vinte annos depois, nunca mais uma estrada de trilhos se haveria de lançar no sólo brasileiro sem que o seu nome, a sua influencia ou o seu dinheiro lá não estivessem. São a menina dos meus olhos — explicava elle. As duas linhas que das capitaes de Pernambuco e da Bahia vão tocar as margens do S. Francisco, tiveram o seu concurso pecuniario; nesta ultima, ao lado de J. A. Branco, Maniz Barreto, cujo nome me é grato citar diante do nosso illustre Presidente.

A Estrada de Ferro de Santos a Jundiahy, hoje S. Paulo Railway, é obra sua. Sua foi a concessão, seu o dinheiro para os estudos, seu o trabalho perante os Rothschilds para o lançamento, seu o capital primitivo em grande parte £ 950.000, parte muito maior que a da familia Rothchild, seu um grande quinhão do emprestimo posterior de debentures, seu afinal, mas para não ser jámais restituído, em razão das delongas das nossas leis processuaes e da precrição curta das leis inglezas, esse emprestimo a jacto continuo, para conclusão das obras, que no dia de sua fallencia montava a £ 600.000.

Também é a elle que mais devemos a Estrada de Ferro Central do Brasil. Cau-

sa-vos surpresa, meus jovens concidadãos, que acabo de avançar? Não vos envergonheis de vossa ignorancia. Muita gente de mais idade ignora até agora. Eu também o ignorava, em grande parte até bem pouco tempo. As businas officiaes nunca sopraram esse nome, cansadas talvez de o verem escripto em todos os emprehndimentos congeneres.

Entretanto, desde o primeiro dia começaram a contar seus grandes serviços. Na constituição da empresa foi logo necessario.

O contrato da empreitada, assignado pelo Plenipotenciario Sergio Teixeira de Macedo, em Londres, em nome do Governo, não mereceu approvação. Ia soffrer forte abalo o credito das estradas de ferro no Brasil. Mauá interpõe-se para achar solução; lembra o alvitre da sociedade anonyma, que salvaria as susceptibilidades officiaes; redige elle os estatutos, organiza tudo, graças á confiança do Marquez de Paraná, Presidente do Conselho, e do incidente só fica a remoção de Sergio para Washigton.

Depois surgiram duvidas barulhentas entre os empreiteiros e o Presidente da Companhia Christiano Ottoni; Mauá foi sempre o pacificador. Mas, um dia, as duvidas tomaram taes proporções que o escandalo veio á rua.

Bylees, o engenheiro da empreitada, constróe uma tapagem na linha, atravessa o corpo entre os trilhos e cobre-se do pavilhão inglze; o Ministro da Juestiça estaca diante daquelle spectaculo original, dá ordens de passar o trem, mas discretamente recommenda evitar derramamento de sangue inglze, segundo refere Ottoni em sua Auto-Biographia; é Mauá quem vem mais uma vez achar a solução que não nos envergonhe.

Finalmente, um dia Price, o empreiteiro mór, fatigado de divergencias, aprompta as malas e annuncia que vai suspender a construcção e reclamar em Londres, por via diplomatica; é Mauá ainda quem se offerece e é aceito para arbitro e resolve as duvidas. E como o inglze, impondo de importancia, exige garantias de pagamento é a fortuna particular de Mauá que vem responder pelo credito do Brasil.

Por 20 annos guardou-se segredo absoluto que Mauá, Christiano Ottoni e Price assignaram uma escriptura em tabellião, de quep ossue publica fórma, em que o primeiro *hypotheca seus bens presentes e futuros* ao pagamento mensal de £ 85.014, por parte da Companhia Estrada de Ferro D. Pedro II.

Estas e mais outras foram as estradas de ferro que elle fez ou ajudou a fazer.

Mas nenhuma dellas vale como phenomeno de visão politica, aquella que não chega a fazer, porque o desastre da fallencia veio sorprendel-o no momento em que a sua proposta estava sendo examinada no Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas depois de estudos contratados com o Governo, que tinha

custado perto de 1.000 contos. Do Porto de Paranaguá, passando por Curytiba, ella devia atravessar as zonas do Norte do Paraná, servindo a região do Oeste de São Paulo, demandando o Sul de Mato-Grosso e ali, em dous ramaes, assenhorear-se por um lado do predomínio commercial do Paraguay e, por outro, subir até La Paz, onde já estava aberta descid em trilhos para o Pacifico — a sonhada communicação inter-oceanica.

Quando lá chegarmos por outros caminhos, se lá chegarmos, já encontraremos o campo occupado, por um concorrente. A embaixada Araujo Jorge inaugurou agora essa viagem em caminho de ferro, entre os dous oceanos, indo tomar o trem não em Paranaguá, mas em Buenos Aires.

Era precvizo romper também esse deserto inaccessible de aguas e florestas que, ao norte do Continente, formam a maior bacia fluvial do mundo. O Amazonas não existia; Mauá o criou. Quando ninguem ousava violar os segredos de suas margens mysteriosas que a imaginação de Gastão Cruls acaba de provar com uma nova lenda, quando os impostos provinciaes attingiam o maximo annual de 29:000\$ e as rendas do Governo Geral 6:000\$. Mauá arma uma esquadilha de commercio e abre, de subito, 3.200 milhas de navegação e as rendas da provincia sobem dez vezes nos primeiros sete annos e multiplicam-se 800 vezes em annos posteriores; a navegação fluvial passou a ser uma poderosa companhia transoceanica.

Estavamos em 1873 ainda a 25 dias de Liverpool, nos primeiros paquetes da Companhia do Pacifico; é a Mauá que caberá pôr o Brasil a dous minutos do mundo civilizado nos telegrammas de saudação que o Imperador e a Rainha Victoria trocaram entre a entrada e a shida de um baile. Essa aspiração que durava vinte annos, sempre procrastinada em mão de concessionarios estrangeiros que pediam prorogações repetidas, elle a executa em dous annos, graças á confiança do Visconde de Rio Branco que lhe dá a concessão. vai procurar Sir. John Pender, o lançador dos cabos entre a Europa e a America do Norte e por elle obtem a Great Western o unico navio, então construído para poder transportar o cabo entre São Vicente e Recife.

E, nesse andar, faz durante um alrgo periodo tudo quanto no Brasil impulsiona, pelo facto ou pelo incitamento, o nosso progresso material; vence a impenetrabilidade da barra do Rio Grande com os seus fortes rebocadores; estuda o porto de Pernambuco num projecto a que o Conselho de Estado não tem duvida em dar o primeiro lugar e, completando a sua obra civilizadora da Capital que a illuminação de gaz iniciou, salva de educidde a concessão e os bonds da Jardim Botânico, e por meio della traz os primeiros capitaes americanos que entraram no Brasil e que voltaram transformados em duas grandes fortunas, acontecimento insignificante em apparencia, mas que ha de cõtar na trans-

formação social do Rio de Janeiro mais que á Avenida Rio Branco, o Passeio da Beira Mar, os banhos de Copacabana, o automovel e o cinematographo.

Achareis, meus jovens compatriotas, que bastaria isto para crear um grande nome.

Pois, esta não é a parte mais admiravel desua vida.

Ha duas projecções maiores dessa grande figura — uma, a sua obra de criador do nosso credito bancario, outra, a sua acutação na nossa politica internacional.

No sopro de vida desse vasto Brasil, o seu papel de creador de bancos, enche o seu papel de creador de bancos, enche de espanto. Com o prestigio de seus successos industriaes com a fama de uma honra immaculada, attrahe para seus cofres todos os capitaes que pelo meiado do seculo andavam sem emprego e sem rumo pela cessão de relações com a Costa d'Africa e fundou o seu primeiro banco. Depois da quèbra fraudulenta do Banco do Brasil, no fim do reinado de D. Pedro I, não havia mais quem acreditasse na hypothese de viver um banco. Foi ainda Mauá quem veio lançar o segundo Banco do Brasil, ao mesmo tempo que se fundava o Banco do Commercio. Usavam ambos de uma emissão *sui generis*, de bilhetes a prazos curtos e disputavam o predomínio na praça; estava previsto que, na concorrência Mauá esmagaria o dversario; as notas deste começaram ser refugdadas e a circulação a resentir-se.

O Governo interessado na paz, ideou a fusão, a primeira *chimica* official de fusões, que foi de tão pernicioso precedente.

Mauá resistio a principio, assentio afinal e fundou-se em 1853, o actual Banco do Brasil, com 30.000 contos de capital.

Eleito director, mas derrotados alguns de seus candidatos, que nessa chapa de 15 nomes foram preteridos por outros mais caros ao Ministro da Fazenda e ao Paço, o Banco tomou logo feição que não agradava nem ao liberalismo de seu espirito, nem ao autocracismo de seu temperamento de constructor. Mezes depois estava fundado, face a face do Banco do Brasil, a sociedade commditria Mauá, Mac Gregor & C., com 20.000 contos de capital. A guerra foi declarada pelo Ministro da Fazenda; leis de excepção ou de emergencia, não sei bem como dizer hoje, foram votadas. Era a força da emissão e dos privilegios oppostos á energia individual, era o poder contra o credito, era o officialismo contra a capacidade. Mauá venceu. Seus cofres recolheram mais depositos que o estabelecimento que dispunha da emissão, seu credito escarneceu do do vizinho. Nos seus livros ficaram inscriptos depositantes representando metade do papel moeda em circulação.

Quatro annos depois de abertura a luta, era o Governo que ia pedir misericordia.

Uma crise de cambio viera ensombrar o caminho. O máo emprego de sua emissão pelo Banco do Brasil, outras causas, abriram a barr á emigrção do ouro moedado; a taxa de cmbio que descer a 25 assustou; Governo e Banco do Brasil, juntaram-se para resistir; a prata tambem ameaçava de desmonetizar-se se a taxa caísse mis dous ou tres pontos. O esforço tentado pelo Banco na resistencia, foi um desastre; e o Governo já verificava um prejuizo superior a 1.500 contos nas 700.000 libras que atirara a fogueira; banco e cambio estavam cada vez mais fracos. Souza Franco, o Ministro da Fazenda, recorre a Mauá e fornece as munições que lhe são pedidas: outras 700.000 libras; o cambio, porém, não obedeceu; assustase o Governo e recua de comprometter-se mais na aventura. Abandona o campo e nega a Mauá novos supprimentos. Pensava, de certo as contas que as Camaras costumavam então pedir energicamente aos ministros. Vão-se os aneis, fiquem os dedos. O prejuizo já não era pequeno e poderia crescer. Mauá fica só em campo, pagando o mal que não fez; sonda o abysmo e vê que tem folego para saltar; joga todos os seus esforços e seu credito; vae saccando até 2 milhões de ilbras; o cambio começa a reagir. sobe, approxima-se do par, o Governo salva os seus, dedos aneis; elle ganha ainda alguns milhares de soberanos e o Banco official, o rival humilhado, é mero espectador da victoria.

Permitti-me que sobre o caso cite palavras cuja autoridade sempre foi grnde para mim, mas que tem agora o vlor de ser pra todos nós uma esptrança fagueira — o Senador Antonio Carlos.

Deixando de lado o Banco do Brasil, cuja incapacidade assim tornavaa publica, o Governo para sustentar o cambio tinha recorrido ao Banlo Mauá, Mal Gregor & C., e a eapacidade de Mauá está proclamada no seu meditado livro *Bancos de Emissão do Brasil*.

E' ainda uma homenagem que não póde ser esquecida, a que no terreno, lhe rende Ruy Barbosa — "O Barão de Mauá foi um dos espiritos de mais alto tino e talvez o de mais profunda aptidão pratica que este paiz já possuio".

Tres annos depois, tres apenas, já o Ministro da Fazenda Silva Ferraz, o homem de quem se disse, como de Visconde de Ouro Preto, fue estava preparado em qualquer momento para assumir qualquer pasta não pensou mais no Banaco official em momento de nova angustia.

A casa Rothchild exigira, pela volta do paquete, a liquidação de um saldo de conta corrente de £ 587.000 sob pena de apropriar-se das apolices caucionadas, 4 pontos abaixo da cotacção. Doeu a intimação; o Ministro manda chamar Mauá; este pede prazo — uma hora de tilbury, vem á rua Direita consultar os recursos e volta para declarar que, por essa mala, irião as cambias com Rothchild ficou pago.

Não vos fallarei que aqui não acharia spaço, do que foi essa poderosa organização bancaria que dominou o commercio do Brasil e atravessou incolume as grandes crises europeas e americanas de 1857, 1859 e 1865 e as grandes crises nacionaes de 1859 e de 1864 em que falliram Souto Montenegro, Oliveira Bello, grande numero de casas bancarias e em que o Banco do Brasil teve mais uma vez que pedir a suspensão do troco. Esses bancos de Mauá levaram, pela primeira e ultima vez o nome brasileiro, aos mercados estrangeiros. Em Buenos Aires, o Banco Mauá, foi sempre dos maiores; e durante 18 annos, exerceu influencia na marcha financeira daquelle paiz, concentrando e realizando operações de grande vulto com o Governo e com os particulares. Em Montevideo, foi por algum tempo o unico e sempre o maior. O eminente homem publico oriental Dr. Gabriel Terra, que recentemente conquistou entre nós, tão vivas sympathias, confessou no banquete que lhe foi offerecido pelo illustre Sr. Ministro do Exterior Felix Pacheco, que seu bello paiz, sua patria hoje prospera e feliz, deve ao Visconde de Mauá, os ferroviarios, a illuminação a gaz, estaleiros, diques, optimos estabelecimentos pastoris e saladeros e deve ao Banco Mauá a operação de resgate da divida de 100 milhões de pesos contrahida para arrastar a guerra contra Rosas nessa resistencia heroica de 9 annos que ganhou para Montevideo o titulo de Nova Troia, pela pena inflamada de Alexandre Dumas.

E, em Londres, o London & Brazilian Bank, que se lançava á conquista do largo credito que ganhou na America do Sul, assentou com Mauá as bases de uma fusão que o Governo Imperial não quiz autorizar por ragas burocraticas, na qual o nome de Mauá se igualava as do socio no titulo definitivamente adoptado — London, Brazilian and Mauá Bank.

Senhores, não ha hiperbole no que vos vou dizer — guardadas as proporções, será difficil achar exemplo de tão prodigiosa obra na historia das organizações bancarias. Os Rothchild, os Baring, os Morgan, são creações de menor merito.

A historia dos Bancos de Mauá, mesmo depois de insuccesso final e mesmo abstrahindo da indagação da culpa, poder-se-hia escrever-se como a de Napoleão que, depois de Waterloo, ainda ficou sendo a maior cabeça da guerra. O effeito que produz sua figura no Brasil daquelle época, é o desse bloco de granito que os viajanets vão admirar em Balbek, tão colossalmente grandes que ninguem póde explicar como foram transportados, ou como foram talhados.

Aquella séde bancaria, com suas agencias espalhadas pelo Brasil, com suas caixas espalhadas, filiaes em praças estrangeiras, emprestando dinheiros a Governos, parecerá fantasia de imaginação nacionalista, mas ides vêr que, se nos es-

quecemos ou se sempre ignoramos esse padrão da nossa capacidade realizadora, o estrangeiro o reconheceu e admirou sempre. Os historiadores da Argentina e do Uruguay, e os seus relatorios officiaes, não o ignoram como nós. As Memorias de D. André Lamas, a Historia financeira de F. Acevedo, as obras recentes do Dr. Aureliano Berro, o trabalho volumoso do Dr. Claudio Villiman, Presidente do Banco da Republica do Uruguay, os estudos do Dr. Terra sobre a operação de conservação no seu paiz, fallam de Mauá como de um grande banqueiro do Rio daPrata. E o escriptor Oneto y Viana, que combate desabridamente a politica dos amigos nossos na sua terra, e não tem palavras de benignidade nem para elles nem para nós, exceptua a grande operação negociada com Mauá em 1857, approvando-a sem reservas e attendendo com o grande serviço prestado com o contrato Mauá, todos os crimes attribuidos aos Governos de seus contrarios. O livro que vou publicar irá exhibir isso em detalhe e com as provas, meus senhores e meus jovens compatriotas, pois bem sei que tudo está pedindo documentação sem desrespeito e sinceridade do expositor. Mas, eu vos irei adiantar desde uma fiança que tem o valor de um descanso para o espirito nessa enfastiante narração.

O prazer de exhibil-a vem adubado com a vaidade de allegar um serviço que me fica devendo a propaganda.

Alguns de vós tereis lido, certamente Julio Verne, os mais velhos, porque, para os mais novos, não é hoje de grande interesse, depois que a volta do mundo em 80 dias parece um luxo de quem não precisa contar tempo, que vinte mil leguas submarinas já não são uma difficuldade senão pelos embarços da circulação em baixo dagua e pelos abaloamentos que a policia internacional tenta reprimir, e quando um brasileiro Santos Dumont, já fez da viagem em balão uma velharia de que os aeroplanos se riem.

Ha, porém, nessas obras de avanço do novelista sobre sua época, alguma cousa que ainda está por fazer — a viagem a lua, por exemplo; creio mesmo que ainda não está marcada. Entretanto, desde 1865, os estudos estão feitos com a maxima precisão para a viagem de um projectil que uma Gresse Bertina devia mandar da Peninsula da Florida, á nossa, mensoria companheira da noite. O Capitão Barbican Presidente do Gun Club de Baltimore, seus consocios e os sabios que estudaram os problemas da velocidade, da rarefacção das camadas atmosphericas, dos leis de attracção dos corpos, tudo previram.

Houve apenas uma difficuldade séria — o custo da Embaixada que, aliás, não tinha ajudas de custo. O peso do projectil e a espessura do canhão exigiam despesas fortissimas: e em 1865, depois da guerra de Sesseccção, crise social que nós aqui solucionamos mais suavemente, com

uma batalha de flores em roda do throno de uma mulher, a Redemptora, os Estados Unidos pediam dinheiro emprestado. O Gun Club resolveu uma subscrição universal. Foram escolhidos os grandes Bancos das grandes praças. Em Londres, em Francfort e em Vienna, as casas Rothchild, em Berlim Mendelson, em Pariz, o Crédit Mobilier, em Roma, Torlonia, etc.

Na America do Sul, cujo concurso na expedição a teoria de Monroe tornava obrigatoria, a costa do Atlantico ficou toda ella sob a responsabilidade do banqueiro Mauá. Buenos Aires — Banque Mauá, Rio de Janeiro — Mème maison. Montevideo — Mème maison, segundo a lista official de Julio Verne.

Relata-vos o facto, Senhores, pelo seu interesse natural, e, como vos confesse, por um impulso de vaidade tambem; elle representa um effeito da minha propaganda. Quando li Julio Verne não tomava notas; não me lembrava mais desses preparativos da viagem á lua. Foi um menino, passadista, segundo parece, que vendo no vulgarizado semanario A. B. C. meu retrato, leu, patrioticamente enthusiasmando umas palavras sobre Mauá. Pelo retrato tinha ligado o nome á pessoa de um admirador do talento de seu illustre pai, e mandou-me a sua preciosa, collaboração, essa contribuição encantadora. E' o mais moço talvez dos que me dão a honra de ouvir-me, o joven Cesario Carneiro.

Peço-vos para elle uma salva de palmas.

Eram estas, Senhores, em 1865, as proporções da figura do banqueiro noutras terras.

Antes delle e depois delle jámais os Governos e as grandes emprezas trataram com brasileiros senão para lhes regatear dinheiro.

Comprehende-se pois, que, em 1875, se tivesse escripto em Londres — "O Visconde de Mauá tem occupado posição economica e financeira tão notavel no Brasil que a suppressão de pagamentos de suas casas bancarias tem quasi importancia nacional nesta praça. Até agora a Inglaterra não tem tido razão de queixas, ao contrario, tem motivos para felicitar-se pela confiança depositada aqui nas operações financeiras do Visconde de Mauá. As companhias de gaz do Rio e de Montevideo, a S. Paulo Railway, a Navegação do Amazonas, são emprezas rendosissimas".

Não é menos admiravel a projecção de sua figura na nossa politica internacional.

Ou pelo seu sangue de rio-grandense, ou pelo exaltamento do seu idealismo philosophico, Mauá apaixonou-se pela causa dos perseguidos de Rosas e de Oribe, os heroicos sitiados de Montevideo. O Dr. Gabriel Terra, repetindo palavras de Pedro Lamas, disse no banquete Felix Pacheco — "...Um brasileiro de figura esbelta, de physionomia aberta e intelligente e de captivante palavra, offereceu sua fortuna para sustentar os sitiados com

alimentos, armas e munições por amor á causa da liberdade e do heroísmo". — E essa era, pouco depois, a politica imperial que Euclides da Cunha exaltou como... "um lance magnifico para ampliar de golpe o campo de acção innegavelmente civilisadora da diplomacia brasileira". Escolhido pelo Visconde de Uruguay, Ministro de Extrangeiros do Gabinete que no segundo reinado se chamou — o Ministerio das Aguias, é elle que assigna com o Ministro Oriental André Lamas e com o Ministro da Fazenda Visconde de Itaboraahy, o contrato secreto de nossos auxilios pecuniarios.

No desempenho de sua funcção, o negociante Irineu Evangelista de Souza, como era ainda designado no referido contrato, arriscou tambem a sua segurança pessoal, cumprio religiosamente seus deveres de portador de dinheiro, e embarca na aventura, um pouco de sua fortuna particular. Uma nota do Ministro do Uruguay, em 3 de Abril de 1852, diz ao nosso Governo que, "além dos serviços de intermediario desinteressado, o Sr. Irineu, poz-se á frente de um syndicato, ao qual forneceu dinheiro para o transporte de tropas.

Da nossa victoria com a queda de Oribe e a fuga de Rosas, resultou a posição de preponderancia de Mauá no Rio da Prata.

Dahi até o fim da guerra do Paraguay, seu nome não se apagará mais da nossa accidentada historia diplomatica no Sul. Rio Branco, Cotegipe, Octaviano, S. Vicente, chefes illustres das Missões Especias, reconhecem e proclamam a sua influencia e os seus enormes serviços. Saraiva, na sua Missão, ouve os conselhos de Mauá dados pelo *Jornal do Commercio* e... "num desses rasgos de iniciativa numa dessas audacias de decisão, imprevisas e de improvisos que o caracterizam na politica interna..." conforme o dizer de Joaquim Nabuco, desobedece ás instruções escriptas que levava para seguir a politica preconizada por Mauá. No livro notavel do Dr. Auerliano Berro — "De 1860 a 1864" — podereis ler grande parte da correspondencia entre os ministros estrangeiros das duas Republicas e o Barão de Mauá e vereis que nenhum diplomata nosso teve no Rio da Prata mais larga acção. Seu busto, com grave injustiça, não figura ainda na galeria do Itamaraty.

Ahi tendes, senhores, pallida idéa de uma vida publica admiravel. Falta muita cousa, direis talvez que falta o principal, falta a sua afinidade com esta consagração, falta a explicação dos motivos por que o Prefeito Azevedo Sodré, o illustre professor, escolheu o nome do Visconde de Mauá para uma escola profissional do Districto Federal.

Não houve favor no baptismo.

A esse grande homem nada foi extranho. Dizer-se que elle pensava já na necessidade de cuidar das matas, quando o Brasil era uma floresta, em crear, com

André Rebouças, um grande Parque, de 200 leguas quadradas, a exemplo do Parque Nacional dos Estados Unidos, antes que o industrialismo se apossasse das terras devolutas, dizer que os problemas da justiça e da colonização branca, foram assumptos de seus estudos e de seus discursos na Camara, é a prova de que tinha razão Tobias Monteiro, quando escreveu: "Mauá teria sido o creador de um Imperio".

Não lhe poderia, pois, ter escapado o ensino profissional. E' admiravel mesmo, como esse problema o occupou, como lhe sobraram patriotismo, intelligencia e tempo, para pensar nesse aspecto da instrução mais necessaria á vida de um povo que nasce. Ide alli ao Lyceu de Artes e Officios e vereis um dos poucos retratos que d'elle existem, nessa terra de desmemoriados. Alli está a cellula mater do que hoje se começa a fazer officialmente pelo ensino profissional; Ruy Barbosa chamou-lhe *Templo*, numa das "Orações do Apostolo" e cantou a "odyssea dessa loucura sublime que nasceu entre desdens e se fez meteoro radiante e pacificador". Desde o primeiro dia, quando se abrigava num consistorio de igreja, essa Instituição, foi a protegida de Mauá. A elle não podem atingir as palavras cadentes de Ruy Barbosa contra os ricos e os poderosos que recebiam o creador do Lyceu, Bethencourt da Silva, como se despede a indigencia menosprezível da mendicidade ociosa ou inutil"; o seu nome benemerito está escripto naquellas paredes, desde o dia em que ellas ainda procuravam tecto proprio.

Nos seus discursos, encontrareis muito particularmente a preocupação do ensino profissional agricola; e nesse livro sublime", que é a sua "Exposição aos Credores de Mauá & C.", ainda para esse problema se volvem seus olhos fundos pela dôr de não poder continuar a trabalhar. Ouvi, meus jovens compatriotas, essa voz quasi moribunda, que se occupa paternalmente dos vossos companheiros das lides agricolas:

"A quarta necessidade, finalmente, é a instrução agricola, que já suppõe um estado de civilização mais adiantado".

Pouco deverei insistir nesse aspecto de sua individualidade, porque a gratidão de uma classe, não pôde ser moldura para um busto tão grande. Antes da veneração das escolas profissionaes, ha que afirmar o dever de admiração do Brasil por uma série de serviços concretos e por um manancial cheio de exemplos de desprendimento e de desproccupações materiaes, nos dias de grandeza, de nobre resignação e de não excedível prohibidade, nos dias de desgraça.

Quando apparecer uma penna capaz de recordar devidamente seu nome, tudo quanto elle fez pelo progresso material do Brasil, perderá as cores diate das grandes lições de civismo que nos legou.

Mocos do Brasil, esse Mauá tão grande pelo que fez, é maior pelos exemplos de

trabalho, de honra, de dignidade e de patriotismo.

Aos 11 annos, já trabalhava, e nunca descansou, nem quando foi o homem mais rico do Brasil; aos 65 annos, pobre de novo, pauperrimo, tendo entregado aos credores a cama de dormir, a mesa de escrever e os oculos de ouro, recomeçou a vida com dinheiro emprestado por quatro amigos, e ainda teve forças para deixar sua familia amparar; e os 70 annos, como administrador das estancias do Estado Oriental, que tinham sido suas e que hoje valem dezenas de mil contos, fazia 120 leguas a cavallo... "para apartar o gado que ha de morrer este anno".

Acreditee que nunca o seduzio a ambição de dinheiro; largo e generoso, distribuia de uma feita 200:000\$000 aos empregados de uma empreza; honrado e digno, recusava receber o preço de uma concessão, a dos telegraphos submarinos, porque ao seu amigo Visconde do Rio Branco declarara que a pedia só para prestar serviço ao paiz.

O que eu quero accentuar, meus jovens compatriotas, neste momento em que a vossa existencia brota numa atmospheria de septicismo em que os homens olham para o poder e para a autoridade ou como um inimigo a combater ou como um cofre de graças a cortejar por todos os processos, é que essa carreira brilhante, essa marcha triumphal para a fortuna e para a gloria, nunca lhe custou uma fraqueza, nunca lhe pediu uma curvatura á espinha dorsal.

Se nobremente se collocava a par dos humildes, se aos seus empregados chamava, não os meus empregados, mas os meus auxiliares, se aos seus operarios reunia em duas mesas de 200 talheres, uma presidida pela esposa estremecida, outra por elle, nas quaes tomavam assento 100 negros escravos para celebrar a conclusão dos trabalhos do Gaz e do aterro do Manque, festim que fez escandalo na época, vel-o-heis sempre erecto diante de todos os poderosos — a independencia era o seu caracter, a igualdade era de seu temperamento, a luta pela sua convicção era da sua virtude.

Quando o julgardes, teréis que medil-o pelo vultu de seus amigos, os que o ajudaram a subir — Olinda, "a quem o cargo de ultimo regente dera quasi a magestade de um rei", Mont-Alegre, tambem ex-regente, Paraná, a mais vasta influencia do segundo reinado "vassallo igual ao rei": Rio Branco, Cotegipe, Octaviano, S. Vicente, Caxias, Euzebio, Abaeté, Uruguay, Souza Franco — um Pantheon de homens que o admiraram.

Mas onde o podereis julgar bem e melhor medir sua estatura, é nas lutas que provocou ou que aceitou.

Ao Marquez de Paraná, em plena effervescencia de gloria e de força, dava combate na Camara, respondendo á exhortação carinhosa desse velho amigo para que retirasse um projecto: — "Tome V. Ex. a responsabilidade de o combater: eu não

assumo a de retiral-o" — e vence o Presidente do Conselho, divide-lhe o ministerio, arrastando para seu lado tres ministros, tres grandes nomes, Nabuco, Bom Retiro e Rio Branco.

Ao Duque de Caxias, seu amigo particular, cujo Governo apoia, recusa o voto de confiança da prorogação dos orçamentos para ensinar á Camara e ás futuras Camaras esta lição: "O proposito de votar pelas medidas que demandem um voto de confiança está subordinado no meu espirito a certos principios que regulam o meu voto nesta casa e dos quaes não posso prescindir. Senhores, enquanto tiver a honra de occupar uma cadeira nesta casa, jámais darei o meu voto a favor de autorização alguma ao Governo que lhe dê o direito de cobrar impostos, nem que estes tenham sido bem apreciados nesta casa, porque entendo ser este o primeiro, o mais importante, o mais serio de todos os deveres que a Constituição impõe; e estou mesmo persuadido que a delegação do cumprimento desse dever não é permittida, embora tenha sido infelizmente muitas vezes concedida" (Sessão de 20 de Agosto de 1861); e esse Ministerio Caxias-Paranhos cahia dias depois por differença de um voto; o de Mauá lhe teria bastado para vencer.

Quando discutia finanças, seus contendores eram Itaboraahy e Torres Homem.

Quando discutia leis era Nabuco que enfrentava. Nabuco que o tinha tido por companheiro na elaboração do Regulamento Commercial, 737, nomeados conjuntamente por Euzebio, ao lado de juriscultos como Caetano Alberto Soares, José Clemente Pereira e Penedo.

Quando das lutas em terreno elevado se desviava para lutas pessoas, seus dous grandes adversarios foram os dous homens que mais medo fizeram na tribuna brasileira — Zacharias de Góes, pelo talento, pela cultura, pela crueldade com que feria ("quando se erguia era certo que fari deitar sangue a alguém", escreve Machado de Assis), e Silveira Martins, estatura athletica, "eloquencia inflammada, com seu sopro Dantoniano, e seu ascendente sobre as multidões".

A ambos affronta e não os teme: de nenhum fogo, como quasi todos fizeram.

A Zacharias, Ministro da Fazenda, corta-lhe o credito e officia-lhe:

"Cumpr-me declarar a V. Ex. que sou forçado a dar ordens á minha casa de Buenos Aires que cesse de descontar os saques de fornecedores sobre a repartição fiscal" e depois de explicar os motivos accrescent: Repito a V. Ex. que não entro nestas explicações para chamar á casa Mauá transacção alguma com o Thesouro, enquanto V. Ex. me não fizer justiça e fôr Ministro. V. Ex. insinuou num discurso no Senado que a Casa Mauá colhera proveito indevido em transacções com o Thesouro. Respondi no dia seguinte com minha assignatura no "Jornal do Commer-

cio". V. Ex., calou-se. V. Ex. deve-me uma satisfação."

Com Silveira Martins, sua luta foi mais publica, na tribuna e na imprensa, e teve a mais fragorosa repercussão. Rompem na Camara os dous que tinham sido eleitos pelos mesmos 200 eleitores do 2º Districto do Rio Grande do Sul, em torno do apoio que Mauá prestava ao Ministerio Rio Branco. Reptado por Silveira Martins, Mauá submete-se ao veredictum dos eleitores de ambos. Os gauchos rio-grandenses, hypnotizados pela palavra do tribuno, decidem que em Silveira Martins quem encarna a escola liberal; e Mauá manda immediatamente a sua renuncia. A Camara, pelas vozes de Gomes de Castro e de Araripe, declara: "—O illustre Barão de Mauá é um cidadão cujo caracter tem honrado o nome brasileiro dentro e fóra do paiz. Um homem em suas condições não póde ser-nos indifferente; seus serviços o tornam digno da escolha que delle fizeram os riograndenses para vigiar pelos grandes interesses da Nação; a sua experiencia nos negocios, a sua gravidade nas deliberações e o amor que vota ao seu paiz, aconselham-nos que o chamemos a tomar nesta casa a cadeira de que é digno."

Mauá recusa, porém; e agradece nestes termos que deveriam ser perpetuados: "Não serei eu por certo quem estabeleça qualquer paralelo entre a decisão de um dos corpos soberanos da nação e o voto de censura indirecto que deram 112 eleitores, os quaes não representam a maioria do corpo eleitoral. As questões, porém, que affectem a dignidade pessoal, são de uma natureza tão especial que força é acarretar cada um com as consequencias da posição que assume."

Numa suprema homenagem, a Camara não preencherá mais o seu lugar. Até o fim da legislatura, tres periodos parlamentares, Mauá figurará nas actas da Camara dos Deputados — ausente com causa não participada.

Vêde, meus jovens concidadãos, se não ha lições a colher em cada pagina dessa vida!

Eram dessa altura os seus iguaes na luta; nenhum o deixou diminuido.

O seu dever de cidadão, a sua consciencia de forte, havia, porém, de levalo a lutar mais alto, com *peçoas sagradas*. Monarchista irreductivel, fanatico da velho constituição de 25 de Março, não se embaraçou nunca para dizer ao seu *amo e senhor* o que sentia de seu dever.

E' celebre seu remoque na Camara a attitude attribuida a Pedro II hostilizando uma garantia de juros — "numa terra em que se gastam 84:0000\$ annuaes para ouvir um tenor italiano Tamberlick resgateia-se uma garantia de juros de 130 contos para uma estrada de ferro".

Na sua patria essas attitudes lhe custaram apenas alguns contra-tempos, porque a alma nobre de D. Pedro II não deixava em ninguem o receio de consequencias sérias em maualg-o

Lição mais dura, porém, havia de ameaçar-o em uma Republica.

Acostumado à benignidade de nossos costumes, elle responde a um voto salvagem do Governo do Uruguay, (A nota do Ministro brasileiro ao Governo do Uruguay diz: acto da mais notoria injustiça, que por honra do meu paiz exige reparação), atacando-o pela imprensa como vehemencia. "Fallei como costume (diz elle numa carta ao Marquez de S. Vicente, de 14 de Abril de 1869) alguns dizem que está demasiado forte, eu digo que não sei responder a insolencia de outra sorte. O Governo dea-se por offendido e mandou o Fiscal acusar-me por abuso de liberdade de imprensa. Ambos os fiscaes do civil e do crime, deram-se por suspeitos, cinco advogados mais foram nomeados pelo Supremo Tribunal de Justiça e todos rejeitaram o posto. Ao que parece não encontrará o Governo quem me accase, com prande desprestigio seu".

Vêde senhores, vêde, meus jovens concidadãos se esse homem ao par de tudo quanto nos legou de conforto não nos legou tambem um codigo de energia.

Eu vou terminar. Acorbetado com a grandeza de um nome que pouca gente sabe tão grande quanto merece, abusei de vossa benevolencia.

Devo, uma compensação e vou dal-a como um presente regio a vós e as letras patrias, que não podiam deixar de ter seu quinhão nessa herança opalenta. E' um poema inedito que Mauá inspirou.

Descobril-o debaixo deste mesmo tecto, nas estantes do Histicuto Historico e Geographico de que elle foi benemerito thesoureiro por muitos annos. Vereis um hymno á virtude; é a vida de Mauá em poucas linhas.

Conheceis muito o autor, meus jovens patricios. Como moços que ainda não viveram e não soffreram, vós já tereis pensado nessa decepção de ter passado pela vida "em branca nuvem".

E' delle o poema, barilado na arte da poesia sem rima, em molhava essa "penna de ouro", que, no dizer Joaquim Nabuco, autoridade para dar diplomas, ninguem ousou disputar-lhe; é de Francisco Octaviano, pela contiguidade do berço e pela vizinhança do tumulo, ambos abatidos pela morte no mesmo anno em que desapareceu a Monarchia em que serviram irmanados talvez na admiração de um regimen de privilegio tão liberalmente exercido que os dous tinham sahido do nada e se tinham elevados aos mais altos cimos.

Oavi, meus jovens compatriotas e aguardais nas vossas anthologias, essa pagina do Livro de Joh, um bilhete escripto ao amigo ausente, um poema que canta a gloria e canta a dôr, um poema que não inveja o sentimento ás mais bellas estrophes.

E' Octaviano, dando noticias a Mauá da sentença de sua rehabilitação como negociante, em 1884, cinco anos antes

desse dia fatal de 21 de Outubro de 1889: "Estava na sala do juizo do Desembargador Calmon no dia em que elle lavrava a sentença de rehabilitação da victima das ingratições! Quantas idéas tristes e alegres me assalaram alli! Aquelle formoso passado de energia viril, de dedicação patriótica, de prohibidade de illustração, de desenvolvimento dos recursos naturaes do Brasil; aquelle passado de preponderancia nobre no Rio da Prata e de fundação da grandeza da Amazonia; aquelle passado de luta contra os preconceitos até dos maiores Estadistas, luta que nos deu as estradas de ferro, hoje salvação do Brasil; e... o presente, isto é, a intelligencia e o coração que pregarão áquelles grandes feitos, martyres da inveja, do egoismo e das ingratições! Ah, meu amigo, quanto pensei sobre isto! Emfim, está V. Ex., depois do mais longo e minucioso inquerito reconhecido o que ninguem de boa fé poz em duvida — honradissimo e infelicissimo! Deus lhe dê agora a resignação para só se lembrar do bem que fez sem se importar com os males que soffreu.

**—CASA CIRIO—**

*Grande sortimento de artigos dentarios*

**Perfumaria e cutilaria  
finas**

*mportação directa dos Estados Unidos e Europa*

**Julio Berto Cirio**

**RUA DO OUVIDOR, 183**

*Telephone N. 1317 Norte—Caixa Postal n. 15*

**END. TELEG. CIRIO**

**RIO DE JANEIRO**

**Preparados de ORLANDO RANGEL**

<b>KOLATENO</b>	<p><b>O MAIOR TONICO</b></p> <p>da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da depressão em geral</p> <p>Composição de kola fresca, malt e phosphato de sodio</p> <p>Licença da Saude Publica n. 726</p>	<b>BOLDENO</b>	<p>Corrige a insufficiencia hepatica, biliar, a congestão chronica do figado dos dyspep- ticos e a retenção biliar na vesicula.</p> <p>BASE: boldo, pichi e benzoato de sodio</p> <p>Licença da Saude Publica n. 767</p>
<b>CASCARENO</b> <i>(Cascaria Glycerinada)</i>	<p>Sem igual para combater a prisão de ventre habitual e a dyspepsia gastrica</p> <p>Reeduca o intestino</p> <p>Licença da Saude Publica n. 96</p>	<b>VALERENO</b>	<p>Indicado contra: espasmos, hysteria e accidentes nervosos ligados a este estado.</p> <p>BASE: valeriana fresca esterilizada e simulo</p> <p>Licença da Saude Publica n. 767</p>

**RANGEL COSTA & C. — 83, Rua da Assembléa, 85 — RIO DE JANEIRO**



# Finalidade do trabalho manual para as mulheres

*Sr. director da Instrução Publica de Minas Geraes. Meus Srs. illustres professores. Collegas em geral.*

E' natural que eu me sinta acanhado, mormente depois de tanta bondade do meu distincto amigo Dr. Lucio dos Santos, mas ponho de parte esse acanhamento porque me sinto quasi em casa.

Quiz a bondade do distincto amigo Dr. Lucio dos Santos, descobrir em mim meritos que não tenho. S. S. viu introspectivamente a grandeza de sua alma, e, com os olhos ainda banhados desse deslumbramento, envolveu-me no esplendor de tão bella visão.

Porém, Srs. ainda se me afigura que elle e eu não fomos talvez, independentes nisso: Nossos cerebros agiram como antenas de um radiopsychico aparelho, mergulhado no mar immenso da mentalidade brasileira, e activado ainda pelo sentir e pelas vibrações latentes daquelles cujas formosas almas nos emocionam:

Ha pouco mais de um seculo, a conjuração que envolveu Thomaz Gonzaga, forçava, pelo odio dos governantes, os Gonzagas de Minas a procurarem outras terras em que vissem obscuros, sós, pequeninos, afogando no coração o grande crime de muito amarem ao Brasil.

E desses mineiros, e dos descendentes desses humildes patriotas, descendo eu, que, devido a esta feliz oportunidade, revejo Minas, abraço-a, empolgo-a com os meus braços, como um filho que volta ao lar antigo.

Sim! Minas de Felipe dos Santos, de Tiradentes, de D. Viçoso, de Gonzaga, Santos Dumont, e de tão nobres e gloriosas tradições, eu te revejo, porque, através de minha alma, de meu coração, através de meu ser, te revêm a grandes olhos os que muito te amaram e que por ti tanto soffreram.

## FINALIDADE DO TRABALHO MANUAL PARA MULHERES

A these reclama uma pequena digressão elucidativa. Eu sou de opinião que a escola deve ser o reflexo do meio; e, si ha escola que deva manter, aperfeiçoar o meio brasileiro, corrigindo e educando, esta é, sem duvida, a escola profissional.

E' mister conhecermos a natureza dos educandos, seu genio, seu caracter e o caracter geral da raça, para estabelecermos os methodos e processos de instrução e educação adequados.

A escola que não attende á natureza e ao caracter da raça que educa e instrue; a escola que emprega systemas de ensinosa

de outros povos, sem consultar as diosyncrasias do seu meio, as peculiaridades do caracter dos seus educandos, submettendo-os á mesma razoiara, presta um grande serviço á sua patria, porque afoga a porção mais bella da alma humana — a expansão da personalidade.

Façamos a escola brasileira no meio brasileiro.

## O LAR MODELO

Vae para 20 annos, chegava eu a uma interessante fazenda em Caconde, propriedade do Sr. Martins, homem ás direitas, que cômparo áquelles tão famosos paulistas, descriptos por Oliveira Vianna, em seu magnifico livro "Populações meridionaes do Brasil".

Acolhido, como sóe sempre acontecer aqui, como no Rio de Janeiro, ou em qualquer pedaço do Brasil, com a bondade e o carinho que os brasileiros sabem ter, tive occasião de presenciar a vida patriarcal e exemplar de sua familia; e sem apparatus de criados e mucamas, suas gentis filhas preparam o almoço, bom e reparador. As lides caseiras eram por ellas mesmas desempenhadas. Bem fallantes, tocaram piano, e, o que mais ainda me espantou, disse o fazendeiro que, as colchas, toalhas, brins de fino desenho e delicado tecido, que vi, eram todos tecidos em sua casa.

Em outras viagens successivas a Minas e ao Norte do Estado, tive tambem occasião de verificar que, além dessas prendas as moças e as senhoras donas de casa faziam rendas admiraveis, tecidos que mais se assemelhavam a filigranas de prata tramadas por mãos de fadas, que obra humana, de mãos que lidavam de sol a sol, alegres, expansivas, na doçura da paz do lar feliz, sob as bençãos de Deus, que baixam sobre os que não enveredam na criminosa ociosidade, e não têm vergonha do trabalho.

Dessa minha viagem ficou-me uma impressão profunda: porque todas as familias, porque todos os jovens, de um e outro sexão, não se educam no trabalho para o trabalho? Porque ás moças não se dá uma educação como a que vi nesses lares, onde a mulher — mãe, esposa, filha, irmã — é o amparo, o anjo bemfeitor, fonte de toda a alegria e felicidade que é possivel encontrar na vida?

A proposito desta passagem, recordo-me de um facto que se deu em Pedreira. Eu era bem mocinho e acabava de casar-me.

Apareceu alli um medico edoso que

fazia a apologia do seu celibatarismo e condemnava os moços que se casavam. Levava-os mesmo a admirar a sua vida, como elle dizia de grande gozador.

Não decorreu um anno e elle adoeceu ravelmente. De todos os seus amigos um unico ia visital-o: era eu. Num dia, em que tivera um ataque, agarrei-o, pul-o no leito e elle, voltando-se para mim, disse: Meu amigo! Meu amigo! Sinto que você fez muito bem em casar-se: Si eu fôra casado, não soffreria o que estou soffrendo agora.

— Como! disse-lhe eu, o Sr. que tanto elogiava a vida de celibatario!?

— Não, filho; eu não me casei por egoismo; tive medo de constituir familia...

## DENOMINAÇÃO DA ESCOLA

E, desde então, o problema da educação da mulher, mãe de familia, dona de casa, jámais se apagou de minha memoria. Durante os meus estudos pra esse ramo de educação, pratiquei em escolas profissionais particulares; convivi e observei no estrangeiro; até que se formaram as minhas conclusões, quando director da Escola Profissional Feminina da Capital.

## OBJECTO DA ESCOLA

A finalidade do ensino profissional de artes e officios para a mulher não me parece bem orientada. A escola profissional dever-se-ia chamar "Escola de Educação Domestica e Profissional". Eu quero a escola que prepare a dona de casa, dando-lhe uma profissão, e não a escola que forme operarios, em detrimento da sua missão social. Deixemos de parte toda essa questão de direitos, reivindicações e feminismo. Attendamos á natureza, que, na organização e differenciação organica de cada um, estabeleceu as funções e as adaptações á vida.

A escola profissional, para mim, é um grande lar, e, sob esse ponto de vista, dobrarei o meu modo de ver, para mostrar a oportunidade e o acerto dessa orientação.

Eu vou conversar, malestrar com as minhas collegas, a respeito da finalidade do trabalho manual para mulheres.

## PAPEL DA MULHER

Na sociedade actual, é cada vez mais complexo o papel da mulher. Si attentarmos ás condições de vida, já não podemos deixar de considerar que a mulher está affecta, talvez, a porção mais difficil na tarefa de formação da sociedade, a cellula fundamental do organismo social.

A escola domestica profissional deve organizar-se de modo que a mulher se baste a si mesma e seja um elemento de evolução commum.

Para isso, a mulher tem deveres e di-

reitos: educar-se, dirigir o lar e trabalhar, como diz uma grande educadora.

Educando-se, ella adquire as qualidades precisas para armar o seu espirito e fazer-se cada vez melhor; elevar-se e comprehendr a sua alta função social, as suas rsponsabilidades no magno problema da educação dos filhos, na orientação do esposo, no governo do lar, e na preparação dos cidadãos para a patria.

Dirigindo o lar, mãe de familia, ella está no seu verdadeiro papel, no seu throno de magestade, onde, plasmando o es-racter dos filhos, formando-lhes a alma, contendo e aconselhando o esposo, é causa de grandeza, de valor da sua patria.

Trabalhando, ella vem cooperar para a riqueza e o bem estar do seu paiz, e, não só satisfazer a imposição da lei biologica do trabalho, como, ante as difficuldades actuaes da vida, presta o seu auxilio ao progresso social e augmento da riqueza commum.

Hoje, como diz Kropkine, homens e mulheres, todos devem trabalhar e ganhar a vida com o seu proprio esforço. No mundo não ha mais logar para os inuteis.

A escola tem de encarar estes problemas e organiar-se de modo a ser o que deve — meio de formação, de preparação. A escola tem de encarar a mulher sob duas faces: a mulher casada e a mulher solteira.

Nessa inferencia, organizar-se para que ella cumpra a sua missão — mãe de familia, esposa quando necessário fôr; trabalhadora, ao lado do homem, para se manter, sem dependencia ou humilhações.

Ser mãe de familia, dirigir o lar, é a missão que Deus lhe marcou. Mas como nem todas as mulheres são mães de familia e dirigentes do lar, a escola deve organizar-se para a função principal, sem deixar de preparar-se para a imediata.

Na maioria dos casos, attendendo á maior natalidade das mulheres, ás difficuldades da existencia, que fazem os homens tenderem para o celibatarismo, á incuria dos paes, que não cuidam de preparar as filhas para a vida como se nos apresenta, commumente as mulheres se encontram em grandes difficuldades para viver. Os paes, quando ricos, dão-lhes educação de salão: piano, canto, sports, dansas e outras prendas, que estão muito bem nas ricas (eu até acho que nem as ricas têm o direito de desconhecer o trabalho da educação dos filhos e a direcção do lar); mas, para a classe pobre, só na escola domestica esta a sauvação. Na escola domestica a mulher deve aprender a ser boa dona de casa. Mas, o que se deve aprender e como aprender, é a questão formal. A escola tem de visar a formação da mãe de familia, e a sciencia que nos deve preoccupar é a "economia domestica", ou antes, a "sciencia do lar".

Avulta na sciencia do lar a educação dos filhos: formr uma criança desde o seu

nascimento; dar-lhe os cuidados physicos que o seu tenro corpo reclama, adivinhar suas emoções, acompanhar o despertar de sua intelligencia, observar e orientar a sua vontade, corrigir e amparar, zelar de sua juventude, guiar o filho nos primeiros passos da vida, são problemas que, cada vez mai, avultam com o crescer da prole.

#### A MULHER NA SOCIEDADE

Acompanhar a vida do esposo, animal-o, educar-o mesmo, aparar as duras arestas do seu caracter, zelar pelo governo e economia do lar, enfim, tudo justifica o que eu disse a principio — a mulher cabe parte mais difficil, mais espinhosa, de maior valor, na formação das sociedades e na grandeza da patria.

Justifico-me: quantas vezes os motins sociaes, as grèves, as lutas politicas nascem de pequenos problemas caseiros!

A. é operario; ganha 6\$000 diarios, sua mulher não conhece a economia domestica, ou não a pratica, e gasta 6\$500 ou 7\$000.

O homem no fim do mez vê que os seus ganhos não dão. Appella para o patrão, pedindo augmento. Esse, cujos lucros industriaes lh'o não permitem, nega. O operario abandona o trabalho, vem para a rua, grita, junta-se aos criminosos, e, dahi, nasce a multidão de seitas ou quejandas seitas de bolchevistas, minimalistas, etc.

Vêde o contrario: B. é operario, ganha 6\$000 diarios. Sua mulherzinha conhece a economia domestica e a pratica. Divide o ordenado do marido em tres partes. Uma dellas é para o aluguel da casa, e as duas restantes para a alimentação. Começa por não gastar mais do que isso; estabelece o regimen dos assentamentos ou ról de despezas. Faz tudo em casa, para evitar o gasto; porque, como se diz, dinheiro que não sae é dinheiro que entra.

Na sua casa não ha sobras, porque ella mede, pesa, conta e, como as hollandezas, distribue de maneira que a sua lata de lixo não seja, como é commum, o escoadouro dos bolsos do marido: desperdício. Diariamente nós vemos o lixo, mesmo de casas operarias, com restos de arroz, feijão, etc. Ella não faz mais do que aquilo que é necessario. Sabe o valor dos restos: os papeis de embrulho, as cascas de legumes e fructas, os barbantes, tudo ella guarda, deixa secar e tem combustiveis para um dous dias por mez. Todos os dias as gorduras e o sebo da carne são guardados, e, depois de seccos, derretidos com agua e um pouco de cinza, tem o sabão de pedra, tão bom ou melhor que o vendido por ahi, molle, derretendo-se atoa e custando um dinheirão.

Que direi dos ossos da carne? Ella sabe que os ossos, bem limpos e lavados, seccos ao fogo, para desinfecção, são moidos e pulverisados a martello. Com

esse producto, ella tonifica os seus filhos, dando-lhes uma colherinha de café de quando em quando, para fortalecer-lhes os ossos, formar-lhes o esqueleto; porque se aos passaros e outros animaes nós damos pó de osso para fortificar-os, também os nossos filhos delle precisam. Esse producto é a calceose, que as pharmacias vendem por preço fóra do alcance dos pobres, maravilhoso tonico que o lixeiro carrega commumente...

Conheço um professor allemão que está rico, devido ás economias de sua esposa. Certa vez deixou elle um emprego que lhe dava 800\$000 mensaes, e ficou como simples ajudante de professor, com 150\$000.

Perguntei-lhe como se arranjou para viver, assim com tamanho desequilibrio. Muito bem: minha mulher, incluindo o aluguel da casa não gasta 120\$000 e eu ainda guardo 30\$000. Olhe, acrescentou, ella mesma me corta o cabelo: faz as minhas roupas e cria gallinhas. Eu não preciso pedir. Posso esperar commodamente qualquer occupação melhor.

Esse professor allemão é um dos melhores constructores de igrejas em São Paulo: chama-se Carlsberg. Elle dirigia as obras da Cathedral e ganhava 800\$000 mensaes. Veio a guerra; o Governo pôl-o na rua, e eu o mantive noutra collocação como ajudante de professor.

Acabada a guerra, o Governo chamou-o de novo e deu-lhe o antigo emprego; os padres também lhe confiaram a direcção das obras de outra igreja e elle ainda obteve a construcção de outra em Santos e diz que se sente muito bem e que não se importaria de voltar aos 150\$000 mensaes, graças á economia da esposa.

Tudo isso que acabo de relatar pertence á sciencia do lar, áquella economia domestica tão descuidada e que á base do bem estar social.

#### FIM DA ESCOLA

Mas, repito, não deve a escola domestica cuidar só disso: educar a dona de casa. E' preciso dar-lhe uma profissão, para que, quando solteira, possa a mulher viver do seu trabalho e cooperar também, ao lado do homem; e, indo ás fabricas, os escriptorios, ás profissões liberaes, concorrer para a riqueza e o progresso do paiz.

Logo, organizada a escola domestica, sem fazer operarios, mas visando a educação harmonica da mulher, focalisemos dentre todas as materias a economia domestica, que podemos dividir em tres partes: a cozinha, a hygiene infantil e a casa.

Eu não quero fazer cozinheiras, não. Eu desejo, como disse Ramalho, nas "Farpas", fazer conhecido o valor dos alimentos de poupança; a razão porque se faz esta ou aquella comida e porque se faz.

Bem razão têm os americanos de

chamar a cozinha "curso de chimica alimentar". A cozinha é realmente um laboratório.

No Brasil já tivemos um inicio de orientação nesse sentido, em São Paulo. Porém, fecharam o curso da cozinha da Escola Normal de São Paulo. Por que? Simples: Porque a professora entendia que ensinar a arte culinaria era dar banquetes: Gastava por dia talvez 50\$000 ou 70\$000. Ao cabo de alguns mezes, ou um anno, o Governo mandou fechar aquelle curso que importava num dispendio extraordinario.

Não é assim, porém, que se procede em Buenos Ayres. Alli a professora sahe pela manhã com suas alumnas e dirige-se ao mercado. Cada uma leva o seu caderninho para tomar nota dos preços, pois que é necessario preparar o prato que foi estudado no dia anterior.

Alli se estuda a qualidade dos alimentos, examinando-se o numero de calorias que contem cada substancia. Estudam-se assim as substancias que convêm ao trabalhador, ao homem de escriptorio, ao jornalista, ao advogado, ao que tem profissão sedentaria, etc. Organizado o "menu", trata-se de executal-o, procurando-se variar-o de dia para dia. Assim, a despeza é pequenina e a escola perfeitamente organizada.

No Congresso da Criança, no Rio de Janeiro, uma das secções mais dignas de serem visitadas era a dos cartazes relativos á alimentação das crianças. Em geral, damos ás crianças os mesmos alimentos que comemos. Vi alli um cartaz francez admiravel, onde se achava representado o protesto das crianças.

Caminhavam as crianças com um estandarte, e cartazes debaixo dos braços. Um dizia: "eu quero mamãe e não a mamadeira". outra: "eu quero leite, não quero farinhas". Outra: "quero um banho diario". "Outra: "eu quero os cuidados de minha mãe".

Em geral, as mães, que não têm leite, não sabem preparar-o: compram-no em mãos de quanto vaqueiro ha, e lá vêm dysenterias, as molestias do tubo intestinal.

Ha mães que deixam os seus filhos entregues ás criadas. A criancinha não quer saber disso: a formação do caracter se dá ao calor do collo materno. Outras mães, nos cartazes, estão comendo alimentos solidos, indigestos ás crianças, destinados a adultos, e attendem ás sollicitações do filhinho, dando-lhe esses

mesmos alimentos. Entretanto, o que se deve ministrar ás crianças é o "leite humanizado." Poucas pessoas sabem preparar-o. Na Argentina, e também no Uruguay ha centros de preparação desse leite, fazendo-se do mesmo distribuição gratuita a quem o solicita. No entanto, entre nós, o leite é comprado aos vaqueiros, ao preço de 400 ou 600 réis o litro, e a consequencia é serem as crianças anemicas, cheias de molestias, dando-se ao medico o que ficaria em casa com um bocadinho de cuidado.

Em S. Paulo, ha centros de preparação e distribuição desse leite, e o que é preciso é sómente ir aos mesmos centros aprender a preparação.

Na Argentina e no Uruguay são distribuidos, *larga manu*, cartazes em que se procura fazer a educação da mulher nesse sentido.

No Rio assim não se faz, porque... porque o Rio não quer.

#### VALOR DA ECONOMIA DOMESTICA

Certas noções de chimica não devem ser desconhecidas; algumas leis physicas não podem ser ignoradas; determinadas reacções não podem ser olvidadas.

Porém, não quero um cathedratico, quero uma senhora — e sei que ha entre nós bastantes — que saiba, junto do fogão, expor, praticamente, mostrando como se faz, fazendo.

Exemplo: o sal de cozinha, o vulgarissimo sal, é um alimento de primeira ordem e um restaurador milagroso das nossas energias. Elle é o unico ou quasi unico vehiculo de arsenico de que tanto carecemos; mas, é preciso dizer, o sal que contem esta substancia e o sal grosso, o sal não purificado; o sal fino, purificado, não contém quasi arsenico e não nos pôde ser tão benefico.

Quanto á importancia do sal grosso na alimentação, eu cito, de passagem, a opinião do Dr. Pereira Barreto, e por experiencia ususal sei que é capaz de transformar a decrepitude em pujança. Aos proprios animaes costuma-se dar grandes doses desse ingrediente; e, solta a sua acção tornam-se fortes, vigorosos, gordos e de pello lustroso.

A farinha de trigo, faz perder ao trigo quasi 80 % do seu valor nutritivo. Devemos moer, ou, antes, socar o trigo, poeiral-o e fazermos nós mesmos o nosso pão. Por isso dizem as portuguezas:

Os preços marcados nas perfumarias expostas na  
**PERFUMARIA A GARRAFA GRANDE,**  
 não admitem confronto

**66, Rua Uruguayana, 66 — RIO**

quem come pão de padeira, anda sempre em lazeira.

As panellas estanhadas, contém mercúrio ou mesmo chumbo na crosta que as reveste; este, em contacto com o chloro, que o sal deprende lentamente, pode nos casusar prejuizos organicos.

As panellas louçadas desprendem pequenas esquirolas de louça, que são causa de appendicites.

A panella estanhada é um mal; envenena o nosso organismo. Ora, nós temos a nossa panella pedra, panella admiravel, porque não usal-a? Haverá arroz mais ogstoso do que aquelle que é feito em panella de pedra?

A panella louçada, com o calor do fogo, estala e solta lasquinhas que, muitas vezes, ao comermos, mastigamos, trincando nos dentes. Dahi a seis mezes ou um anno temos uma apendicite e dizemos: "não sei porque tive apendicite". Entretanto esse mal foi motivado pela esquirola de louça da panella em que foi feito o nosso alimento. Porque, entretanto, não usar a panella de pedra?

Eu a uso.

O vinagre tem acção corrosiva sobre as mucosas especialmente sobre a do estomago; deve-se evitar o vinagre e preterir o limão.

Em geral dá-se o seguinte facto, como o que se passou com uma senhora minha conhecida: comprou esta senhora um fogão com seis buracos. A cozinheira collocou em cada um, uma panella com um guizado qualquer, e assim fez todos os dias. No fim do mez, a senhora gastou seis carroças de lenha, grande quantidade de gordura, sapolio, etc., e disse-me que os alimentos ficaram mal cozidos, encruados, por excesso de fogo. Ella soube a causa...

Contei-lhe então o seguinte caso: na Belgica e na França, posteriormente nos Estados Unidos, as familias adoptam cozinhar com uma só bocca no fogão. Collocam as panellas de modo que se adaptem como um marmita; arrumam os alimentos de baixo para cima, em ordem decrescente, quanto ao gráo de dureza e exigencia de calor: primeiro a sopa, depois os guizados e por ultimo o arroz. Com o calor que se transmite de uma á outra panella, ficam os alimentos cozidos com um dispendio seis vezes menor que com as seis boccas do fogão.

Ainda mais: se calcularmos que só o fundo de uma panella encosta na chamma, avaliamos o pouco consumo de sapolio e sabão para a limpenza.

Este facto, que é expressivo da parte de uma outra senhora, mãe de um alto funcionario do Estado, esta resposta: "Ora, que milagre! Eu já faço isso ha muitos annos e com a vantagem de não usar sapolio."

Então nós precisamos esperar pelos francezes e belgas para saber isso? Não é minha senhora, disse-lhe: o que a experiencia de muitos annos lhe ensinou, é necessario que o faça a escola vem

poucos minutos. E é verdade. No fundo, tudo isso são frioleiras, coisinhas; mas, sobre essas coisinhas assentam as bases da economia e do bem estar da familia.

Quantas moças não sabem lavar nem engommar! Entretanto, vi na principal escola profissional de Buenos Ayres, na "escola de los amigos de la instruccion", moças das mais finas familias engommando collarinhos e punhos. Elles não vão exercer a profissão de engommadeira; ellas não vão usar, mas podem precisar.

E depois, só sabe mandar, quem sabe fazer... Eu mesmo fiquei longo tempo a vêr como se passa roupa sem ferro de engommar—por meio de compressão entre dois cylindros de madeira.

### ARTE CULINARIA

Ha um escriptor que escreveu uma bellissima obra sobre o modo de ornar a casa, e nos seus correlarios, diz que a felicidade assenta, de preferencia, onde ha mais gosto no arranjo do lar.

Tratando da cozinha, dos alimentos, vem a pello o seguinte: F. é casada com um cidadão que exerce uma profissão sedentaria: professor, advogado, medico, guarda-livros, etc. Bondosa, procura, todos os dias, variar-lhe os pratos: hoje, é um cosido; amanhã, feijoadada; depois, ensopado, etc. Seu marido cada vez mais se queixa de mil e um males, provenientes da alimentação pesada e pouco digerivel. Torna-se dyspeptico, doente, mal humorado, e, como sempre acontece, a vida passa a ser um inferno.

Mas, se a esposa conhece o valor dos alimentos de poupança que, sem fazer peso ao estomago, são facilmente digeriveis, prepara um um purée, carne em pó, legumes, bananas cozidas, para sobremesa, e, logo, os males desaparecem num relance e a felicidade não foje jámais.

Os homens são como os peixes, fisingam-se pela bocca. A mesa é o seu maior atractivo. Depois dos 40, é uma lastima: têm um olho á cozinha e outro á repartição.

Demais, para preparar um cozido, ou uma feijoda, o dispendio de combustivel é enorme e o proveito alimenticio fraco.

Mais vale um abacate, um ovo cozido e uma taça de leite, que um formidavel prato de feijão, ou uma lasca de carne.

Algumas senhoras acham que ás crianças se deve dar o mesmo alimento que aos adultos; a consequencia é a desordem gastricta, a dilatação do estomago e todo um cortejo de soffrimentos.

Eu desculpo as donas de casa; não é que ellas não queiram fazer ou tenham má vontade. Não aprenderam; ensinem e vejam se ellas não farão melhor do que o esperado.

Nossas patrícias sabem ser inteligentes e dedicadas.

Tambem comprar a felicidade por tão pouco...

### ROUPA E HYGIENE DAS CRIANÇAS

Na segunda parte do curso de economia domestica — a roupa e a hygiene das crianças, temos um campo vastissimo.

Respirei, aqui e alli, alguns casos para mostrar a importancia desse estudo: "remenda teu panno que te dura um anno", diz o adagio, e é verdade.

E' costume dar a roupa usada, ou quando muito, vendel-a. Mas, poucos conhecem ou têm rouparia onde se guardam os tecidos velhos, para, em qualquer momento, usal-os. Os tecidos de linho e de algodão, quanto mais velhos melhores; tornam-se alvos, macios e leves.

Desfiados, dão fios para feridas, cörtes, etc. Emendados, com as sobras de costuras, dão colchas de retalhos, os saccos para pão, as camisolas de dormir e as camisolas caseiras para crianças.

Coisa notavel: as crianças ficam mais alegres quando se vêm trajando uma camisola de varias côres, pintagalda, matizada e florida.

Por isso a escola deve ensinar a aproveitar os retalhos, farzer remendos e serzir.

Ainda mais: lavar e passar, engommar e frizar; tingir mesmo. Que custa fazer uma agua de anilina, com um pouco de fixativo?

Mostra-se como um par de meias brancas torna-se creme, amarello, roseo ou azul, fazendo 4 ou 5 vistas.

A mãezinha pôde aprender a fazer o vestidinho de sua filha, as toucas e as meias, passarem pelas côres do arco-iris, com grande economia para o esposo, e a alegria das crianças.

Sem sahir ainda da economia domestica, devemos ensinar os cuidados com a roupa. Quantas familias vêm successivamente os filhos atacados pela diarrheia verde, corlibacirlose, unicamente porque fazem as crianças dormirem em camas ou vestirem as roupinhas de um irmão que está ou esteve enfermo. E' preciso ferver a roupa e expôr ao sol intenso as cobertas de flanella e lâ, para evitar as transmissões.

Muitas enfermidades dos adultos se transmittem ás crianças pelo mão veso que têm os paes de fazerem dormir as crianças em seus leitos e em suas roupas de cama.

A mamadeira é o maior vehiculo de molestias. As mães deixam os vidros expostos ás moscas: o bico de borracha sem protecção, sem lavar; deixam fermentar o resto do leite, e as enfermidades apparecem, e, muitas vezes, victimam as innocentes crianças.

Deve-se usar vidro de bocca larga; cada vez que se der leite ás crianças, deve-se laval-o com um pão envolvido num panno, cobrindo tudo com um guar-

danapo, para evitar as moscas. Assim, muitos males são evitados.

Ha tempos, viagei em um navio allemão e aprendi como se prepara um mosqueteiro sem despeza: um copo de agua com sabão, coberto por uma fatia de pão, na qual se unta pela parte de baixo com um pouco de assucar, tapa o copo; faz-se um furo no centro da fatia, mais ou menos do diametro de um lapis, e têm-se um magnifico caça-moscas.

### O ARRANJO DO LAR

"The House Decoration and School" e o titulo pomposo de um magnifico livro de frioeiras. O autor, Priestman, norte-americano, nos dá o seguinte exemplo: chega um homem do trabalho, cansado, arreliado, com os nervos carregados. Entra. Aqui e alli, roupa pelo chão. Uma vassoura cahida; farellos de pão sobre a mesa. A mulher, fatigada a saia suspensa de uma banda, de tamanhos, rescendentes a cebola, exaggerando Plinio, como disse H. de Campos. Já divinhaste qual é a impressão do homem. E elle, então, começa a lembrar-se da salinha limpa, bem arrumada de bar ou do café. Mal acaba de jantar vai atirar á gaveta criminosa os magros toões que lhe dariam o bem estar em casa.

Mudemos o quadro: o trabalhador chega á casa; o chão brilha; a toska mobilia bem limpa; a mesa coberta com uma toalha bem alva, de panno de sacco, onde a esposa abriu uma franja bem larga, desfiando-a, fazendo caprichosas aranhas. Sobre a mesa, uma garrafa envolvida em papel amassado, de côr alegre, apertada ao meio, com um cordãozinho, garrafa essa, que agora é uma jarra japoneza, ostenta uma rosa, algumas flores, uns galinhos verdes. Na parede uns chromos, por toda a parte, a ordem e o asseio. A esposa, trajando um vestido limpo; os filhos penteados, tudo indicando o asseio e o capricho, que só a mão da mulher sabe dar.

O homem repara, gosta e deixa-se ficar. Sente-se bem; agrada a esposa, ralha daquelle "luxo", como elle diz, mas no intimo do coração, agradece aquelle desvel-o.

Ahi está a felicidade. Estará mesmo? Sim, estará.

O Dr. Orison Swett Maaden, cujo nome quer dizer "coração e trabalho", nos mostra que a felicidade está ao pé de nós em toda a parte.

Afastemos as tristezas; olhemos a vida pelo lado bom.

Convençamo-nos de que somos felizes; confrontemos o nosso estado, com o daquelles que soffrem mais: e, admirando, prestando attenção ás bellezas que Deus espalhou na natureza, num pôr de Sol, num amanhecer, sentir-nos-hemos e se-lo-hemos realmente.

Esta é a verdade. Qual é o segredo

do encanto da mulher franceza, do lar europeu, com pequenas excepções?

E' que a mulher franceza não perde a fina graça; reveste tudo de arte; torna "coquette" tudo que a rodeia; e, embora os annos passem sobre ella, como sobre Mathusalem, sabe sempre se fazer agradável, e tem geito para occultar as imperfeições da natureza e os estragos dos annos.

O arranjo da casa é uma verdadeira sciencia, com os seus problemas, regras e corollarios, principios e objecto.

O objecto é a felicidade e os principios se resumem num só — fazer o lar agradável e sadio.

Quem faz a casa é o morador, diz o vulgo, não quem a construiu.

Os desperdícios da cozinha, cinzas, pennas, pontas e restos, tudo se utiliza.

Uns galhos de roseira, plantados pelos cantos do quintal, em breve desabrocham em rosas, galgam muros, sobem as cumieiras, fornecem as flores para ornar a casa, perfumam e sanificam o ambiente, fazendo de uma pocilga um ninho, onde os passaros põem a nota alegre e o chilrear encantador, alegrando os outros passaros — nossos filhos.

#### SUGGESTÕES

Tudo isso a escola ensinará, não com aulas ou theorias, e explicações abstractas — mostrando em estampas os dois effectos fazendo de verdade no quintal, que sempre ha, praticando.

São cousas facéis, simples e corriqueiras. A questão é começar, o resto vem insensivelmente.

Quantas suggestões me occorrem! exemplos! Mas, onde iria eu parar nesta palestra, se sobre uma parte della, o arranjo da mulher, a maneira de trajar, escreveu D. Lydia Bohner um livro "Art in dress".

Nesse livro ha indicações praticas. Figura a autora um quadro com as cores principaes e suas affins: a escala chromatica; as combinações felizes; tudo isso adaptado ás roupas femininas e os chapéos que lhes ficam bem, apresentando contastes: uma senhora gorda, de pescoço curto, usando vestido largo, com babados e "pufs" aos lados; fica um verdadeiro repolho.

A mesma senhora, com um chapéo baixo, golla alta, ainda mais gorda fica. Outra de queixo saliente, usando chapéu esguia para trás ainda deforma mais a physionomia.

Uma senhora magra, de vestido listado, sem golla, chapéu de copa alta, mais magra, mais alta e de mais longo pescoço fica.

Tudo isso rapidamente, é commentado, de modo a mostrar que, pela educação do gosto e conhecimento do desenho, pode uma senhora vestir-se bem, desenhando e determinando a moda.

Não é commum dizer-se que tal ou qual chapeleira tem mais gosto e seus chapéos são mais bonitos! A costureira

D. Fulana tem mais graça? Pois o gosto e a graça são coisas ao alcance de quem quer que seja, principalmente de quem frequentar as escolas domesticas de educação profissional.

Eu acho que o "pivot" da economia caseira é a machina de costura, com seu aparelho de bordar.

Aprendeí, no curso de economia domestica, a fazer as roupas de vossos filhos, as vossas roupas, as roupas de vossos maridos. Bordae tudo: um ramo, uma flor, um arabesco, porque o bordado transforma o panno de algodãozinho em a mais fina cambraia.

O bordado e a costura são as portas de salvação para os dias de aperto e para o augmento do ordenado do marido, a garantia da manutenção da mulher solteira.

#### NINHARIAS

Todos nós admiramos — e por que não dizel-o? — invejamos o surto espantoso da riqueza publica e particular dos Estados

Todos nós admiramos — e porque não procuramos imitar o americano nas sabias medidas que adoptam na sua inegualavel educação domestica?

Descem as autoridades administrativas a taes detalhes, que, entre nós, muitos espiritos que se julgam superiores, achariam ninharias ridiculas para as suas preoccupações.

Porém, a Repartição Federal Vocacional, subordinada ao Ministerio da Agricultura, reconhece na construcção do lar uma vocação e proporciona aulas ás donas de casas e ás moças que saem para trabalhar por dia.

Um grande estadista brasileiro disse com acerto: Não ha pequena nem grande questão administrativa, ha questões administrativas, e todas devem merecer estudo.

A face mais bella, porém, dessa obra de preparação social é o corpo de professores viajantes. Elles vão pelas localidades do interior da grande republica, no desempenho da grande tarefa de ensinar e economizar e a viver mais folgadamente

A esse respeito vejamos alguns casos: Lá, como aqui, o tomate, e muitos legumes, são abundantissimos em certa época do anno, e ficam quasi sem cotação; noutras escasseiam tanto que attingem a preços fabulosos.

Pois bem: Os cursos de economia domestica engendraram logo a preparação de conservas, tão finas e tão boas que os productos nada perderam de sua frescura e de seu valor nutritivo dentro do prazo de um anno.

Deante deste successo, porque não vender algumas latas, com a marca das escolas, no mercado?

Lançada a idéa, passou-se á pratica e os resultados foram taes que a renda attingiu a cerca de um milhão de dollars, só da venda destas conservas. Cerca de 10 mil contos de réis!

E o melhor é que o creme de tomates jámais faltou ás cozinhas, e hoje os Esta-

dos Unidos exportam largamente esse producto.

Noutras localidades a producção de leite era enorme; e, como não soubessem as donas de casa o que fazer delle era vendido a baixo preço, e serviam até para alimentar porcos.

Appareceu um dia a emissaria do Ministerio da Agricultura para ensinar a fabricar queijos: Algumas aulas nas proprias estancias, alguns exercicios, seguidos logo de uma pequena tentativa de exportação.

Diz-nos ainda o relatorio que essas localidades, de nenhum valor industrial, passaram a exportar toneladas e toneladas de queijos de todas as qualidades. A's dispensas jámais faltou este esplendido alimento, são, forte e altamente economico.

E com isso valorizaram-se as terras, o gado, e a propriedade; e o dinheiro correu amplamente.

E que diriamos nós se alguém se propuzesse a cosinhar sem fogo? Pois as senhoras americanas o fazem. E, para isso, se servem de uma marmita á semelhança da garrafa thermica.

Mas como os materiaes a empregar na refreida construcção são caros e difficeis de encontrar, mais facil, mais rapido talvez mais economico ainda é o fogão usado ainda pelos vaqueiros em S. Paulo.

Se alguém nos dissesse que ia fazer jantar sem fogo, nós não trepidariamos em dizer que esse alguém estava maluco.

Entretanto, as senhoras americanas aprendem, na escola de economia domestica, a cosinhar sem fogo.

Em S. Paulo tambem os vaqueiros dão feijão cosido ás vacas, durante dias, semanas e mezes e annos. Ora, se elles fossem comprar lenha a 28\$000 o metro cubico, ficariam fallidos. Usam então um fogareiro que não lhes dá despeza alguma, e que eu achei tão interessante que até fiz do mesmo um desenho que aqui está (mostrando). Uma senhora póde ter em casa esse fogareiro, que é constituido por uma lata de kerozene, utilizando-se, como combustivel, cascas, papeis, pedacos de madeira, detricos de cozinha e não gastando, talvez, mais de \$100 por dia.

E assim tambem são as geladeiras sem gelo, baseadas na evaporização da humidade, tudo enfim, como nos mostra o Boletim da União Pan Americana, de Abril de 1923.

Desses nadas é que se fórma o oceano da grande americana...

Conjuntamente com a economia domestica, que é "um como mosaico formado de pedacinhos de todas as sciencias", como disse alguém, a escola terá tres cursos magnificos: dactylographia e stenographia; corte e costura em geral, e bordados, sem especializar. Dando, porém, nos tres annos escolares, um conhecimento geral de cada curso, poderá a moça, ao sahir da escola, escolher o seu futuro, porque estará apta para enfrentar-o.

Tendo quatro horas, pelo menos diarias de trabalho pratico, não ha possibilidade de falhar o aprendizado; e, com algumas modificações, pequenas, aliás, poder-se-á affirmar que as escolas profissionais femininas do Brasil nada terão a invejar das suas similares do estrangeiro.

#### DEVERES E DIREITOS DA MULHER

Ainda nada fallei sobre os direitos da mulher. Só fallei dos deveres; mas, nos seus deveres, estão os seus direitos.

Ellas nada mais pedem que aquillo que a Constituição estabeleceu — egualdade civil e politica. Será pedir muito?

E', realmente, engraçado: fallamos muito em feminismo — no entanto tudo que acabo de dizer é puro feminismo — não offende nem ameaça ás instituições. Mas, si bem me ouviram, todos acharam que temos razão: eu e as mulheres.

Que mais pedir para ellas? Possibilidades de vida, quando não forem casadas; ou, sendo, uma boa direcção, para elevar e melhorar a situação social.

Haverá, por acaso, alguma immiscuição da mulher nos officios do homem? Não; ellas vencerão aos poucos; e, intelligentes, probras afeiçãoadas e com maior sentimentos que o homem, vencel-o-hão em todos os ramos em que a natureza masculina não estiver aparelhada. Tudo que depende de gosto, minucias e graça, a ellas pertence.

Os horizontes se alargarão e novas fontes de actividade surgirão.

A lavoura, as industrias, são fontes inexauriveis para todas as actividades. Não ha concurrencia; o sol é para todos!

Dêem á mulher oportunidade de se emancipar da tutela dos homens, que só as póde aviltar, e ellas transformarão o mundo.

A's casadas, o contrato matrimonial dictará os deveres, mais firmes pelo coração que por nenhuma lei.

A's solteiras, entibiadas, cheias de preconceitos, são na maioria dos casos, victimas dos homens sem palavra, gosadores, como essa raça viperina a si propria se baptisa; e, desilludidas, aprendem a ser hypocritas; mas, pela acção fortemente educativa da escola, possuidora de cultura intellectual e profissional, aptas para se manterem, ellas saberão ser fortes e dignas, na lucta pela vida.

A's escolas domesticas profissionais cabe a mais bella iniciativa brasileira — "a redempção da mulher."

APRIGIO GONZAGA.

(Da "Revista do Ensino" de Bello Horizonte, n. 5 anno I).

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 19

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
3º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	1\$000

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia . . . . .	\$60
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$50
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$50

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
5º Livro de Leitura . . . . .	3\$500

## SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica . . . . .	1\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
O Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães . . . . .	1\$000
Primeiras Leituras . . . . .	2\$000
Leituras Moraes . . . . .	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura . . . . .	1\$500
Cartilha . . . . .	1\$800
Leitura Preparatoria . . . . .	2\$500
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	4\$000

## JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
5º Livro de Leitura . . . . .	4\$000
Leituras Praticas . . . . .	3\$000
Fabulas (em verso) . . . . .	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria . . . . .	2\$000
Leitura para o 2º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 3º anno . . . . .	2\$000
Leitura para o 4º anno . . . . .	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias . . . . .	2\$000
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000

## ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura . . . . .	\$900
Novo 1º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000

## FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler . . . . .	\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$600
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
Excursões escolares . . . . .	1\$000

## DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro . . . . .	1\$500
Vida Infantil 2º Livro . . . . .	2\$000
Vida Infantil 3º Livro . . . . .	2\$000

## COLLECÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro . . . . .	1\$000
Novos principios de Leitura . . . . .	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, as 2 partes . . . . .	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte . . . . .	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte . . . . .	2\$000
Compendio de Historia Sagrada . . . . .	3\$000
Noções de Sciencias . . . . .	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.) . . . . .	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.) . . . . .	6\$000
E. DE AMICIS — Coração . . . . .	2\$000

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente . . . . .	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios . . . . .	3\$500
" " Patria Brasileira . . . . .	3\$500
" " Theatro Infantil . . . . .	2\$500

## CORNAZ

As creanças e os animaes . . . . .	1\$500
Novos Amigos . . . . .	2\$070
CORREIA e BARRETO—Era uma vez . . . . .	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares . . . . .	2\$000
BILAC e BOMFIM—Leitura Complementar . . . . .	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar . . . . .	3\$500

## TANCREDO AMARAL

Livros das Escolas . . . . .	3\$000
------------------------------	--------

## BARRETO E LAET

Anthologia Nacional . . . . .	6\$000
-------------------------------	--------

## EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira . . . . .	6\$000
---------------------------------	--------

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos . . . . .	3\$000
Selecta Classica . . . . .	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico . . . . .	3\$500
B. P. R.—Leitura Manuscripta . . . . .	1\$500

## A. BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica . . . . .	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infantis . . . . .	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Creanças . . . . .	2\$000
R. PUIGGARI—Album de Gravuras . . . . .	2\$000

Remettemos o nosso catalogo gratis, para todo o Brasil